ANO 2 Nº 7 MARÇO/2007

Jornal UFG

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Que Universidade queremos?

Uma nova "arquitetura acadêmica" para a universidade brasileira por meio da implantação de um regime de três ciclos de educação universitária. Esta é a base do projeto Universidade Nova, de autoria do professor Naomar de Almeida Filho, reitor da Universidade Federal da Bahia, em discussão nas universidades. A Administração Superior da UFG entende que é preciso discutir o assunto com a comunidade universitária e está estimulando o debate. Já um estudo realizado pelo assessor especial da Reitoria da UFG, professor Nelson Amaral, demonstra que, para cumprir a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) de expansão noturna e chegar a 2010 com o mesmo número de matrículas nos cursos diurnos e noturnos, seriam necessários R$ 2,75 bilhões nos próximos três anos. A proposta é vista com simpatia pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), mas também precisa ser mais discutida pelas universidades. **Pág. 5**

UFG atualiza sua marca

Um concurso realizado no final de 2006 atualizou a marca da UFG. A proposta da *designer* Ana Paula Barreto, de Recife, foi a vencedora dentre os 417 inscritos. A escolha foi baseada na aplicabilidade e relevância da marca, o que implica estética interessante e maior visibilidade. **Pág. 3**

Açafrão em alta

Projeto de extensão possibilitou que o açafrão se tornasse a principal atividade econômica de Mara Rosa (GO). O produto é de larga aplicabilidade na indústria de tintas, tecidos, alimentos e medicamentos. **Pág. 11**

Gilcene Rodrigues

Carlos Terrana (www.terrana.com.br)

Aquecimento global

Desde a revolução industrial, passando por todo o processo de desenvolvimento econômico, o homem tem potencializado a capacidade da atmosfera em reter calor da Terra. De acordo com o relatório Planeta Vivo 2006 (WWF), a demanda por recursos naturais é 25% maior do que a oferta do planeta, o que afeta sua capacidade de regeneração. Desmatamentos e queimadas são as principais contribuições do Brasil para o aquecimento global e poderão levar o cerrado à desertificação. **Págs. 8 e 9**

Pesquisa mapeia sistema prisional de Goiás Pág. 6

Interior ganha novos cursos e pólos de ensino a distância Pág. 7

Eventos Pág.4
Folia de Reis em livro Pág.12
Dissertações e teses Pág.13
Vida acadêmica Pág.15

Parceria busca maior produtividade de leite Pág. 10

Emendas garantem recursos para a UFG Pág. 13

Expansão noturna e inclusão social

No momento em que o Brasil discute alternativas para ampliar o número de vagas e cursos nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) – conforme meta do segundo mandato do Governo Lula –, a Reitoria da Universidade Federal de Goiás apresenta uma proposta inovadora: uma grande expansão para todo o sistema no período noturno, com alocação de recursos adicionais para financiamento de pesquisas concebidas e desenvolvidas, de maneira autônoma, pelas próprias universidades, segundo a peculiaridade de cada uma das regiões brasileiras.

A proposta de expansão noturna foi formulada, originalmente, pelo professor Nelson Cardoso Amaral, nosso assessor na Reitoria da UFG. Devido à relevância acadêmico-científica e social, o projeto virou tema de debate nas universidades, no Ministério da Educação (MEC) e na imprensa regional e nacional, tendo sido matéria de capa do jornal O Estado de S. Paulo, para citar apenas um exemplo.

Segundo estudo da UFG, dados das Ifes de 2005 revelam que, das 553.051 matrículas nos cursos de graduação, apenas 133.798 (24,2%) estão no período noturno. Isso se deve à histórica ausência de uma política governamental nessa direção. A impossibilidade de uma grande expansão baseada em ações tomadas pelas próprias Ifes se deve a fatores relacionados à origem dessas instituições. A instalação dos câmpus universitários em lugares muito distantes dos centros urbanos impediu, pela ausência de infra-estrutura, que nos processos de expansão ocorridos nos anos de 1960 e 1970, as Ifes implantassem, desde o início, muitos cursos no período noturno.

Entendemos que não se pode planejar uma expansão das Ifes sem se considerar, também, a responsabilidade do sistema com a qualidade dos cursos de graduação e com a pesquisa e pós-graduação. É necessário efetivar a contratação de novos professores e servidores técnico-administrativos, construir instalações físicas necessárias aos projetos de expansão e incrementar os recursos para investimento e custeio.

O projeto que apresentamos coloca a seguinte premissa básica para a expansão noturna: cada uma das instituições deveria igualar, até 2010, o número de matrículas noturnas ao número de matrículas diurnas, abrindo-se tanto cursos de alta quanto de baixa demanda. Seriam então, até 2010, em torno de 300.000 novas matrículas nas Ifes, ou seja, um aumento de 54,2% em relação ao total de matrículas de 2005. Na UFG seriam em torno de 6.000 novas matrículas, um aumento de 47% em seu alunado de graduação em cursos presenciais.

É claro que as Ifes não possuem recursos para o desenvolvimento dessas novas atividades. Uma modelagem que apresentamos no projeto calcula que o custo básico para uma nova matrícula noturna seria, em média, de R$ 9.362,00 ao ano. Para implantar esse projeto os orçamentos das Ifes deveriam receber um montante adicional de R$ 900 milhões, em cada ano, de 2008 a 2010. Isso significaria um incremento de 26,4% em relação ao orçamento executado em 2005, considerando-se todas as despesas e fontes de recursos. Os recursos extras para a expansão da UFG seriam da ordem de R$ 20 milhões em cada um dos anos de 2008 a 2010.

O projeto prevê também a alocação de valores para o apoio às atividades de pesquisa e de pós-graduação. Esta se concretizaria pela definição de um percentual dos recursos do tesouro utilizados pelas Ifes e que deveriam ser aplicados nos projetos de pesquisa. Se fosse estipulado, por exemplo, um percentual de 5%, seria necessário um total de R$ 360 milhões anuais para essa vertente do projeto. Nesse caso, os recursos anuais para a UFG seriam de R$ 6,5 milhões anuais.

Essa expansão reforçaria o papel regional de cada Ifes, incrementaria a importância das instituições na transformação da realidade social brasileira, aproveitaria toda a capacidade física já instalada para atender o período diurno e propiciaria oportunidade de formação profissional, com qualidade, a mais 300.000 jovens brasileiros. A expansão noturna, adicionada às políticas afirmativas atualmente em discussão no País; permitiria uma ampliação do processo de inclusão, propiciando a entrada de jovens oriundos de famílias com faixas salariais menores que dos cursos diurnos.

Contudo, essa proposta deve ser discutida em profundidade pela comunidade universitária, buscando-se o seu aprimoramento a partir de propostas oriundas do debate público.

Por fim, neste início de ano letivo, gostaríamos de dar as boas-vindas aos estudantes da UFG, especialmente aos alunos que ingressaram em 2007. E, ao ensejo da discussão sobre o ensino superior, conclamamos a todos a participar do debate sobre a expansão de vagas nas instituições federais.

Prof. Edward Madureira Brasil
Reitor da UFG

CÂMPUS EM FOCO

Matrícula dos estudantes aprovados em segunda chamada no processo seletivo 2007 da UFG, nos dias 27 e 28 de fevereiro, lota de calouros o prédio da Reitoria.

Com o início das aulas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, no dia 23 de janeiro, a presença de representantes de várias etnias é uma constante no Câmpus Samambaia.

O professor Romão da Cunha Nunes, da Escola de Veterinária da UFG, lançou, recentemente, o livro "A Secular Festa do Salobro - Tanque do Piauí". A obra traz uma reconstituição histórica de fatos e personalidades nordestinos. A pesquisa tem o mérito de reunir análises de documentos e relatos, antes esparsos, motivando novos estudos sobre manifestações populares, como a festa do Salobro.

REFORMULAMOS

A edição número 7 do Jornal UFG, março de 2007, traz mudanças na capa da publicação. Além da inserção marca da UFG atualizada, as linhas do novo traçado proporcionam mais leveza ao cabeçalho.

Jornal UFG

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ANO II - Nº 7 - MARÇO 2007

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311
Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br

Reitor
Prof. Edward Madureira Brasil
Vice-reitor
Prof. Benedito Ferreira Marques
Pró-reitora de Graduação
Profa. Sandramara Matias Chaves
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Profa. Divina das Dores de Paula Cardoso
Pró-reitor de Extensão e Cultura
Prof. Anselmo Pessoa Neto
Pró-reitor de Administração e Finanças
Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos
Prof. Jeblin Antônio Abraão
Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária
Cirurgião-dentista Ernando Melo Filizzola

Jornal UFG
Assessor de imprensa e editor-geral: Prof. Magno Medeiros; **Editora executiva:** Profa. Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora assistente:** Jornalista Silvânia de Cássia Lima. **Conselho Editorial:** Profa. Angelita Pereira, Prof. Goiamérico Felício Santos, Profa. Maria das Graças Castro, Profa. Silvana Coleta Santos Pereira, Prof. Venerando Ribeiro de Campos, Profa. Mercês Pietsch Cunha Mendonça;
Suplentes: Valéria Maria Soledade de Almeida e Profa. Ellen Synthia Fernandes de Oliveira; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Nogueira; **Fotografia:** Carlos Siqueira e Júlia Mariano Ferreira (bolsista); **Repórteres:** Alfredo Mergulhão, Mariana Clímaco, Matheus Álvares, Natália Ribeiro e Núbia Simão (bolsistas); **Equipe administrativa:** Amália Magalhães e Leny Borges.

Impresssão: Centro Editorial e Gráfico da UFG (Cegraf)

Concurso atualiza marca da UFG

A logomarca de uma instituição, seja ela uma empresa privada, organização ou entidade governamental, é a sua identidade diante do público ao qual ela se destina, sua assinatura. Sua importância é fundamental no mundo de signos e símbolos em que vivemos. Ela exprime o conceito do que é essa instituição e para que veio. Seu objetivo é "marcar" presença. Por isso, uma logomarca precisa ter boa leitura e fácil identificação. É o público olhar e "ver" a instituição nela.

As pontuações sobre a importância da marca institucional são da designer Ana Paula Mattos Dias Paes Barreto, de Recife, Pernambuco, que venceu o concurso "*Redesign* da Logomarca da UFG", lançado em 2006. Foram 417 inscritos - cada qual com apenas um trabalho, portando apenas o pseudônimo do autor - avaliados por uma comissão de especialistas, que fez a escolha pelo trabalho de Ana Paula como o que contemplou os requisitos desejáveis para a marca UFG: atualização da logomarca existente, aplicabilidade e relevância, o que implica estética interessante e maior visibilidade.

A comissão julgadora para a escolha da nova versão da logomarca da UFG foi composta pelo artista plástico e professor Carlos Sena Passos; a professora de Publicidade da UFG, Thalita Sasse Froes; o professor de Design Industrial da UnB, Evandro Renato Perotto; o designer e professor da UCG, Felipe Ramos Challfun; o editor executivo de Design Gráfico de O Popular, André Luiz Rodrigues; o designer Juliano Ribeiro de Moraes; e o pró-reitor de Extensão e Cultura da UFG, professor Anselmo Pessoa Neto, que presidiu os trabalhos.

A entrega do prêmio de R$10 mil foi feita em solenidade, realizada no final do ano passado, no Teatro Goiânia, durante a Assembléia Universitária, em comemoração aos 46 anos da UFG. Depois da escolha da marca, foi confeccionado o Manual de Aplicação, disponível no site (www.proec.ufg.br).

Criação – De acordo com a autora do trabalho, o *redesign* de uma logomarca é um processo muito particular dentro da área de criação. "É preciso primeiro entender o que a logomarca original quer dizer para depois atualizá-la. Ao criar, não podemos sair das linhas originais. Precisamos usar os mesmos elementos, mas de forma diferente, atualizando conceitos. Arte e técnica se misturam na comunicação. É importante aparar as arestas do que pode desviar a compreensão visual do resultado final. A marca original passava uma idéia da universidade nos moldes antigos: módulos organizados de forma hierárquica, dentro de uma pirâmide. A universidade atual é mais livre, os módulos são os mesmos, mas cada qual tem suas características e personalidades. Minha idéia foi mostrar isso", afirmou.

Carlos Siqueira

Ana Paula recebeu o prêmio das mãos do reitor Edward Brasil (E) e do pró-reitor de Extensão e Cultura Anselmo Pessoa (D)

A marca – Para Ana Paula, a nova marca expressa as diferenças e a interdependência. Ela explica: "Os módulos hexagonais são iguais na forma porque representam, cada um, uma ciência, mas são diferentes nos tamanhos e nas distâncias entre si". Há duas formas de se ver essa logomarca. A mais óbvia é a das formas cheias: o conjunto dos seis hexágonos azuis. Mas a outra é uma surpresa, os vazios entre cada hexágono têm diferentes tamanhos. São os caminhos que levam à universidade ou que saem dela. A universidade está representada pelo hexágono central que é formado pelos seis hexágonos que o rodeiam. É uma forma vazia que na realidade está cheia do conceito que se quer passar. Se os hexágonos azuis forem retirados, o central desaparece, ou seja, sem as ciências a universidade não existe e sem ela no centro, as ciências não funcionam".

A fácil leitura, assimilação e aplicabilidade são as principais vantagens da logomarca UFG, apontadas pela autora. "Não acho que qualquer pessoa que visualizar essa logomarca vai entender toda essa história das ciências, das distâncias, dos cheios e dos vazios, mas a organização dos hexágonos dá a idéia da centralização e os diferentes tamanhos já passam o conceito da liberdade de ser como se é", considera. **(Silvânia Lima)**

Novos tempos, novas marcas

As transformações contínuas que vigoram no mundo atual exigem que antigos códigos simbólicos sejam adaptados aos novos modos de representação. O excesso de informações, de logomarcas ou de signos visuais e verbais que hoje ocupam a maioria dos veículos de comunicação e toda categoria de material impresso, e que mesmo espalham-se pelo espaço público urbano, ameaça tragar e diluir a capacidade de comunicação e de memorização dos símbolos, que disputam espaço entre si.

Em processos que pretendem a modernização é natural que ocorra a obsolescência dos códigos considerados eternos, imutáveis e estruturados pela tradição, diante da permanente renovação das proposições e linguagens do presente. Especificamente com relação ao design gráfico, é importante considerar que o repertório visual envelhece e enfraquece com o passar do tempo, e que passa a haver a necessidade de formulação de novas tipologias, aptas a enfrentarem as situações de hoje e a desempenharem seus papéis com eficácia.

Conhecimentos desenvolvidos há mais de meio século por áreas como o design gráfico e a publicidade reformularam todos os parâmetros para a composição de logomarcas, pictogramas e demais elementos de comunicação visual de identidade e de sinalização, seja institucional ou empresarial, seja público ou privado.

Fruto da necessidade de acompanhar a constante renovação dos modelos simbólicos, a atualização das marcas se tornou um imperativo. Não partilhar dessa ordem é se condenar à obsolescência.

Em 1961, quando as informações eram bastante deficitárias e nós ainda não partilhávamos do grande fluxo de informações bem como de volume expressivo de profissionais em design, a UFG realizou o primeiro concurso para escolher seu "escudo". Nessa ocasião, após dois julgamentos, a comissão de jurados deliberou que nenhum trabalho inscrito estava de acordo com as expectativas da Instituição; e, portanto, nenhum foi escolhido. Num segundo concurso realizado no ano seguinte (1962), o trabalho indicado por unanimidade pela comissão julgadora não obteve aprovação do Egrégio Conselho Universitário e foi recusado. Assim, a UFG continuou sem uma marca que a identificasse até 1965, quando foi instaurado um terceiro concurso, do qual saiu vencedora a logomarca criada pelo professor Luiz Carmo Curado, que passou a vigorar a partir de 1966.

A nova logomarca, sem esquecer nossa memória, representa a vocação de vanguarda, a potencialidade expansiva e o dinamismo da UFG de hoje.

Nas décadas seguintes, sem efetivação de concursos, a logomarca passou por vários processos de atualização, ganhando conformações mais modernas que suprimiam excessos, destacavam os valores estruturais da primeira – a colméia, a cor azul e as iniciais UFG.

No mundo contemporâneo as logomarcas não são feitas para o longo deleite do olhar, mas tão somente para um reconhecimento rápido e eficaz em meio à abundância de sinais que preenchem nosso cotidiano. Uma boa marca é aquela que se faz perceber no meio da multidão dos signos visuais com a mesma velocidade com que a vida nos tem guiado, mas sinalizando algo diferencial, ainda que incômodo, obrigando o observador a levar mentalmente essa marca consigo, impregnando-o da sua existência. Enfim, por mais que isso pareça redundante, uma boa logomarca é aquela que "marca".

Nesse sentido, segundo os critérios dispostos e amplamente debatidos pela Comissão de profissionais convidados para o julgamento do Concurso para *Redesign* da Logomarca da UFG, a logomarca aprovada preenche todos os requisitos para conferir uma boa identidade visual à Universidade. Ela tem pregnância (capacidade de impregnar e de fixar-se no inconsciente coletivo). É sintética, qualidade que permite apreensão mesmo que seja em grande velocidade. É dinâmica e em expansão – de acordo com a realidade atual da própria UFG. Tudo isso, sem trair os elementos conceituais que indiciam uma tradição – a colméia, a cor azul e as iniciais UFG. Estes elementos permaneceram numa espécie de tributo à memória e à história, mas, foram transformados por uma roupagem contemporânea.

Essa não foi a primeira vez que a UFG atualizou a sua logomarca, e também não será a última. Quem se permitir o trabalho de fazer um levantamento, encontrará quase que uma dezena delas circulando em materiais os mais diferentes e em épocas diversas.

Quando o professor Edward Madureira Brasil assumiu a Reitoria em 2006, havia pelo menos cinco logomarcas em plena utilização. O desgaste e o enfraquecimento da marca acionavam a necessidade de uma mudança séria, sem correr o risco de fazer apenas mais uma maquiagem na logomarca que já tinha sido, ao longo de 40 anos, exaustiva e arbitrariamente transformada. O reitor promoveu então um amplo debate em diversas instâncias da UFG que culminou, posteriormente, na instauração do Concurso para *Redesign* da Logomarca, organizado pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura, sob a aprovação do Conselho Universitário.

A vencedora foi a designer pernambucana Ana Paula de Mattos, que "desengessou" a antiga estrutura compacta da colméia – que representava a centralização do poder e o achatamento das unidades sob um mesmo formato durante a política educacional dos anos 60, quando fora criada a Universidade e a sua primeira logomarca. A nova logomarca, sem esquecer nossa memória, representa a vocação de vanguarda, a potencialidade expansiva e o dinamismo da UFG de hoje.

As mudanças sempre provocam certo grau de desconforto, principalmente naqueles que pretendem ser os eternos guardiões da tradição. É, sobretudo, o corpo jovem da UFG que se renova anualmente, constituído pelos estudantes, que se vê agora representado pela nova marca. Mas como já era de se esperar, e para não fugir à regra nesses casos, dos guardiões já ouvimos muito: "Eu gosto mais da antiga marca!".

Engolindo um sorriso, só me cabe perguntar: Qual delas?

Carlos Sena Passos é Mestre em Arte Publicitária e Produção Simbólica pela ECA/USP, atua como professor de História da Arte Moderna e Contemporânea na FAV/UFG e participou da Comissão Julgadora do Concurso de *Redesign* da Logomarca da UFG em 2006.

DIA-A-DIA

Curso de prevenção ao uso de drogas

A Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), está oferecendo aos professores do Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae) e do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet-GO) o curso "Prevenção ao Uso de Drogas". A abertura do curso se deu no último dia 7 de março, na Faculdade de Medicina, com a palestra "Educação para saúde na prevenção da drogadição no contexto da escola", pela professora Maria Fátima Olivier Sudbrack, coordenadora do Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas (Prodequi/UnB).

A UnB, por meio do Prodequi do Instituto de Psicologia e do Centro de Educação a Distância (CEAD/UNB), iniciou o curso este ano, na modalidade a distância, para 20 mil educadores de escolas públicas de todo o país. A promoção é da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad) e do Ministério da Educação (MEC).

A iniciativa visa cumprir dois aspectos importantes no trabalho de prevenção ao uso de drogas nas escolas: o envolvimento direto do educador nesse processo e a necessidade de uma formação específica para o desenvolvimento de ações de acordo a realidade local. Em Goiânia, a UnB e as instituições parceiras pretendem capacitar mais de 200 professores de 22 escolas públicas, por meio de cursos a distância.

A UFG e o Cefet/GO estão envolvidos nesse projeto de forma diferente. Utilizando o mesmo material produzido pela UnB, os cursos serão aplicados em ambas as instituições por meio de módulos presenciais, pelas professoras da UFG Célia Ferreira (Faculdade de Medicina/EMAC) e Tânia Maria da Silva Ferreira (Instituto de Ciências Biológicas). Faz parte das atividades a elaboração do Projeto de Prevenção nas respectivas unidades de ensino.

Prêmio para pesquisa sobre Epidemiologia

A Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde, em parceria com a Unesco, promoverá o Prêmio de Incentivo ao Desenvolvimento e à Aplicação da Epidemiologia no SUS. O objetivo é reconhecer o mérito de trabalhos acadêmicos cujos resultados têm alto potencial de aplicação nas ações e serviços do SUS, e incentivar a produção técnico-científica em epidemiologia aplicada para alcançar resultados que contribuam para a definição de estratégias de vigilância, prevenção e controle de doenças e agravos à saúde. Pesquisadores, estudiosos e profissionais com produção científico-tecnológica resultante de teses, dissertações e monografias podem se inscrever até o dia 2 de abril. A ficha de inscrição e o modelo de resumo estruturado do trabalho são encontrados no sítio www.saude.gov.br/svs. Os prêmios variam de R$ 5 mil a R$ 15 mil.

Web TV, rádio e revista na Adufg

A Associação dos Docentes da UFG (Adufg) inaugurou mais uma etapa do seu projeto de modernização da comunicação. Por meio do endereço www.adufg.org.br, acessa-se a nova *Revista Eletrônica (*edição 11), a *WEB - TV e Rádio Adufg, que* estrearam recentemente. A Revista da entidade continua ainda com a versão impressa e traz notícias gerais, como a campanha salarial dos docentes das Ifes, ciência e tecnologia, além de um dossiê completo sobre a *3ª Mostra Multicultural Milton Santos*, realizada em junho de 2006, com o tema *A Natureza em Fúria*. Quatro vídeos contendo as palestras gravadas durante a Mostra e uma entrevista em áudio com o presidente da entidade, professor Romualdo Pessoa Campos Filho, inauguraram a programação da *WEB-TV e Rádio Adufg*, no último dia 1º de março, na sede da Adufg.

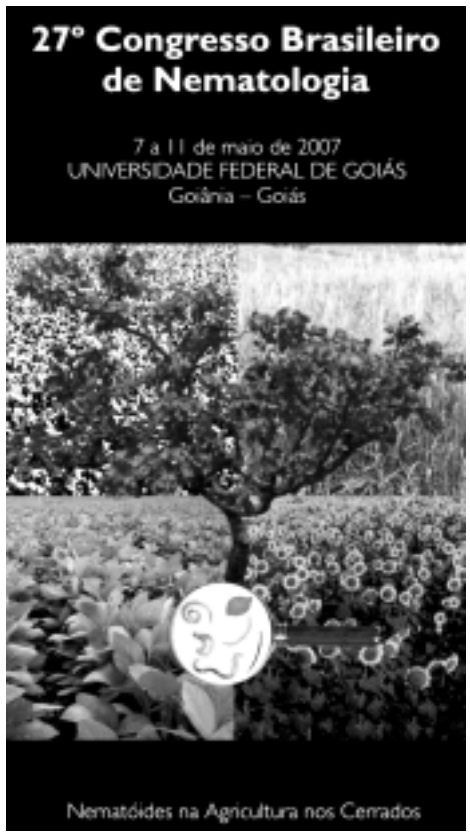
Diretores empossados

Na Faculdade de Educação, foram empossados os professores Ged Guimarães (diretor) e Susie Amâncio Gonçalves de Roure (vice-diretora), em 26 de outubro de 2006. No mês dezembro, dia 18, foi empossado o novo diretor da Faculdade de Direito, professor Eriberto Francisco Bevilaqua Marim e o vice-diretor, professor Cleiton César Ripol de Freitas. A Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) também está sob nova direção: o professor Eduardo Meirinhos foi empossado no cargo, no dia 25 de janeiro, e tem como vice-diretor o professor Márcio Pizarro Noronha.

Nematologia em pauta na UFG

27º CONGRESSO BRASILEIRO DE NEMATOLOGIA DISCUTIRÁ PESQUISAS E AÇÕES SOBRE NEMATÓIDES NO CERRADO

A UFG sediará, entre os dias 7 a 11 de maio, o 27º Congresso Brasileiro de Nematologia. Com o tema "Nematóides na Agricultura do Cerrado", o evento contará com palestras, mesas-redondas e minicursos voltados não apenas para a Nematologia em Goiás, mas em todo Brasil e países estrangeiros, visto que essa ciência refere-se a um problema de amplitude mundial. Professores e pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, como Embrapa (Recursos Genéticos, Agropecuária Oeste, Hortaliças e Soja), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade de Brasília (UnB), Universidade de Nebrasca, Universidade do Estado da Carolina do Norte, Universidade Estadual de Michigan, dentre outras, participarão das discussões.



Nematologia - A Nematologia consiste no estudo dos nematóides, microorganismos que vivem em qualquer ambiente ou ecossistema onde exista água, sendo no geral sensíveis a fortes estresses hídricos. Podem ser encontrados no solo, em órgãos vegetais (raízes, tubérculos, caule, folhas, sementes) e tecidos de diferentes tipos de animais. No âmbito da agricultura, provocam doenças nas raízes das plantas, sugando a seiva e deixando-as debilitadas. A variedade de espécies desse verme é muito grande, sendo assim, pomares, hortaliças e grandes culturas podem ser afetadas.

Na região Centro-Oeste, há histórico de graves problemas em culturas de soja, cana-de-açúcar e algodão, devido aos nematóides. O prejuízo gerado é grande, já que eles podem desencadear a redução da produção e, para algumas plantações, representar uma das principais limitações para o seu desenvolvimento. O produtor deve ficar atento, monitorando sempre o solo, onde fica o verme, já que sua população pode aumentar ou diminuir constantemente. Portanto, a doença nunca é dizimada, pois o verme pode ficar em estado latente.

As medidas para contornar o problema variam de acordo com cada região, cultura, ou espécie de nematóide. As principais saídas para a redução da praga são o controle químico, com o uso do nematicida, que é viável por ser mais rápido, porém, polui o meio ambiente. O controle cultural, com a rotação de cultura, é também uma opção utilizada. No caso da cultura da soja, por exemplo, o agricultor pode substituí-la por uma cultura que não seja hospedeira, por alguns anos, a fim de controlar o número de vermes no solo, até que ele diminua, amenizando o risco de ocorrência de doenças. O controle genético, onde a espécie atacada é substituída por uma outra, resistente ao nematóide, também pode ser uma solução.

A Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG conta com um laboratório de Nematologia, coordenado pela professora Mara Rúbia da Rocha. Ela comanda um grupo de pesquisa na área, com estudantes de graduação e pós-graduação, que desenvolvem alguns projetos com as culturas de cana, soja e algodão, com as quais são realizadas experimentos conduzidos tanto no campo, quanto em laboratório.

Para o congresso, são esperados cerca de 300 participantes, incluindo os sócios da Sociedade Brasileira de Nematologia (SBN), que completa 30 anos em 2007. Para a professora, o principal objetivo do evento é incentivar e despertar nos estudantes, não só da UFG, mas também de outras instituições, o interesse pela Nematologia, já que eles serão futuros pesquisadores. Compartilhar experiências sobre o assunto também é outro ponto relevante no evento. "Os nematóides também são um problema sério na cultura de algodão nos Estados Unidos e no Canadá. As regiões são distintas, mas também sofrem com a ação dos vermes", afirma.

Para mais informações, acesse a página do evento na internet www.ciagri.usp.br/~sbn, e-mail cbn27@bol. com.br ou pelo telefone (62) 3521-1531. As inscrições poderão ser feitas no primeiro dia do congresso, 7 de maio. **(Natália Ribeiro)**

27º Congresso Brasileiro de Nematologia

Quando: 7 a 11 de maio de 2007.
Onde: palestras e mesas-redondas no auditório da Faculdade de Medicina, Praça Uniersitária.
Minicursos na Escola de Agronomia. **Inscrições:** Estudantes R$ 100,00. Sócios da SBN R$ 200,00. Não sócios da SBN R$ 250,00.
Minicursos: R$ 30,00.

Universidade Nova: conhecer para discutir

Em setembro de 2006 a Universidade Federal da Bahia aprovou o projeto UFBA Nova. Pouco tempo depois a proposta foi apresentada à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e passou a ser conhecida como Universidade Nova.

Segundo o reitor da UFBA, professor Naomar de Almeida Filho, autor do projeto, o texto aponta para uma transformação radical da atual "arquitetura acadêmica" da universidade brasileira por meio da implantação de um regime de três ciclos de educação universitária: primeiro ciclo - bacharelados interdisciplinares (BI), propiciando formação universitária geral, como pré-requisito para progressão aos ciclos seguintes; segundo ciclo – formação profissional em licenciaturas ou carreiras específicas; terceiro ciclo – formação acadêmica, científica ou artística, de pós-graduação.

Em termos de estrutura curricular, o BI compreende três modalidades de componentes curriculares:

Cursos-Tronco (CT) – (a) Língua Portuguesa como instrumento de comunicação, cobrindo da estrutura da língua à expressão oral e escrita nas áreas de concentração do BI; (b) Línguas Estrangeiras Modernas (Espanhol, Francês, Inglês, Alemão, Italiano), visando ao uso instrumental do idioma estrangeiro selecionado.

Formação Geral (FG) – dispõe de componentes curriculares (módulos, cursos, disciplinas, atividades etc.) de escolha opcional em cada um dos Eixos Temáticos Interdiscipinares (ETI), com forte incentivo à oferta de blocos integradores. Os ETIs compreenderão conteúdos como os seguintes: cultura humanística, cultura artística e cultura científica.

Formação Específica (FE) – compreenderá componentes curriculares totalmente optativos e oferecidos para todas as opções de BI somente aos alunos da área de conhecimento correspondente que concluíram a FG, sem distinção de nível, integrando graduação e pós-graduação. Está previsto um esquema de tutoria, que visa orientar as escolhas de blocos curriculares de acordo com as aptidões, vocações e competências dos estudantes, buscando contribuir para escolhas maduras de carreira profissional.

Processo seletivo - O projeto indica que novas modalidades de processo seletivo serão necessárias, tanto para o primeiro ciclo quanto para as opções de prosseguimento da formação universitária posterior. Para entrar no Bacharelado Interdisciplinar, primeira instância de formação da Universidade Nova, a intenção é "selecionar pessoas que tenham perfil mais aberto, que desejem experimentar coisas", por isso, será preciso desenvolver outra forma de seleção. A proposta sugere como primeira hipótese desenvolver um exame especial para a seleção de alunos para o primeiro ciclo da formação universitária. Uma outra possibilidade seria a atualização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com ajuste aos objetivos de selecionar alunos para a Universidade Nova.

Já para a seleção dos concluintes do BI para as carreiras profissionais, a opção seria permitir ao aluno participar de mais de um processo seletivo simultaneamente (incluindo licenciaturas como segunda opção às carreiras profissionais). Para os críticos do projeto Universidade Nova, isso significa transferir para o ambiente interno da universidade o processo seletivo que atualmente é feito pelo vestibular. Já segundo o autor da proposta, estudos técnicos estimam que o BI poderá oferecer o equivalente ao dobro das vagas destinados a cursos profissionais e de pós-graduação, evitando-se no futuro o vestibular da forma como hoje é conhecido e também os mecanismos de reserva de vagas.

Efeitos esperados – O autor do projeto acredita que a implantação da Universidade Nova reduzirá as taxas de evasão, em especial do ensino público superior, adiará escolhas profissionais precoces, que, segundo ele, têm como conseqüências prejuízos individuais e institucionais, além de introduzir dispositivos curriculares que promovam a integração entre conteúdos disciplinares e níveis de formação. Outros efeitos esperados são a flexibilização curricular com aumento de componentes optativos e o alargamento da base dos estudos superiores, permitindo uma ampliação de conhecimentos e competências cognitivas.

Pesquisa – De acordo com o projeto Universidade Nova, a formação do pesquisador ganhará mais autonomia porque poderá se dar em paralelo à formação do profissional. Mas segundo a diretora do Andes SN, Lighia Horodynski, a implantação do projeto acabará por ampliar a distância entre o centros universitários considerados "de Excelência" e os demais porque refletirá diretamente na atividade docente. Para ela " nos ciclos básicos os professores darão mais aulas e terão menos tempo para pesquisas, acabarão atuando mais como monitores em disciplinas muito isoladas, em sua apresentação e avaliação, em função do critério de notas".

Algumas preocupações – A Administração Superior da UFG, após discutir o projeto Universidade Nova fez algumas ponderações e levantou alguns pontos do texto considerados preocupantes. Por exemplo: uma expansão no contexto do projeto pode não significar expansão na formação profissional, mas apenas no BI. Ou seja, como existirão dois processos seletivos, um para o BI e outro na transição para os profissionais, pode-se supor que poderia não haver aumento no número de ingressantes nos profissionais.

Uma outra preocupação dos gestores da UFG é que, da forma como está montada a estrutura curricular do BI, pode-se concluir que a formação recebida pelo estudante será muito generalista e que pouquíssimas disciplinas poderão ser aproveitadas na formação profissional. Percebe-se ainda que o *ranking* dos alunos no BI é que determinaria a entrada nos cursos profissionais o que dificultaria um ambiente de colaboração entre colegas no BI e acirraria uma disputa entre eles. Uma outra preocupação diz respeito ao fato de que, caso passe a existir uma prova classificatória ao final do BI isso poderá gerar a criação de cursinhos preparatórios para essa prova ou mesmo para aulas de reforço.

A Administração Superior da UFG é unânime quanto à necessidade de esclarecer a comunidade universitária sobre o projeto Universidade Nova para que possa se posicionar e, principalmente, ficar atenta aos futuros encaminhamentos.

O presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Goiás, Romualdo Pessoa Filho, também é pessoalmente favorável a uma melhor discussão da proposta pela Universidade, tendo em vista que a Reforma Universitária do governo federal ainda está no Congresso para ser votada, e um novo projeto que também promete alterar profundamente a estrutura das instituições já está em pauta.

A Andifes também propõe, no que se refere ao projeto Universidade Nova, o seu mais amplo debate e aprofundamento com o intuito de aperfeiçoá-lo, visando a democratização, a atualização e a expansão da educação superior brasileira. Somente a partir das manifestações das comunidades universitárias acerca do Plano, o Conselho Pleno da entidade debaterá o tema e se pronunciará.

Expansão noturna: democratização do ensino superior

Ao estabelecer as diretrizes para a educação superior, o Plano Nacional de Educação (PNE) reserva para as instituições públicas, um especial destaque quando se fala da pesquisa e da pós-graduação e, ainda, quando propõe a expansão de suas vagas. Segundo um estudo realizado pelo assessor especial da reitoria da UFG, professor Nelson Amaral, para cumprir a meta do PNE de chegar a 2010 com o mesmo número de matrículas nos cursos noturnos e diurnos seriam necessários R$ 2,75 bilhões nos próximos três anos.

A plena utilização do espaço da Universidade à noite exige bem mais do que instalações e espaços. A modelagem apresentada pelo professor Nelson permite estimar que com esse montante de recursos, seria possível instalar a Universidade Noturna no País, considerando como premissa básica igualar o número de matrículas nos dois períodos nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), abrindo-se cursos tanto de alta quanto de baixa demanda.

A pesquisa aponta que, para conseguir a expansão noturna desejada pelas instituições, o investimento anual deve ser de R$ 900 milhões. O custo foi calculado com base no quanto é gasto hoje por aluno em cada instituição, excluindo-se o pagamento de inativos, pensionistas e precatórios. Nota-se uma grande variação nos custos básicos para uma nova matrícula e o valor médio é de R$ 9.362,00. A previsão é de que seriam necessários mais de 30% dos gastos atuais para suprir as necessidades da expansão. (Ver editorial pág. 2)

O estudo ainda não foi analisado pelo conjunto da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), mas, segundo os representantes que tiveram tempo de analisá-lo, é visto com simpatia pela maior parte do grupo. A proposta inclui o repasse, pelo MEC, de R$ 360 milhões anuais para as instituições investirem em pesquisa. Os reitores reclamam que, atualmente, as universidades têm de disputar verbas de fundações e financiamento privados para desenvolver suas presquisas. **(Silvana Coleta)**

Retrato falado

PESQUISA TRAÇA PERFIL SÓCIOCULTURAL E ECONÔMICO DO SISTEMA PRISIONAL GOIANO

As mais de 10 mil pessoas em execução penal no sistema prisional goiano terão o perfil sociocultural e econômico traçado por meio de pesquisa dirigida pela Universidade Federal de Goiás. O trabalho faz parte do projeto "Violência Urbana no Estado de Goiás", aprovado pela Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep), órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O estudo poderá fundamentar, com os dados obtidos nas análises, futuras ações de políticas públicas a serem criadas para o setor.

A primeira etapa da pesquisa consiste no levantamento da ocorrência de crimes violentos, tais como homicídio, tráfico de drogas, roubo de cargas, de carros, assaltos a bancos e seqüestro, entre os anos de 1995 e 2005, com base nos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás, da Secretaria de Segurança Pública do Ministério da Justiça e da Superintendência da Polícia Federal.

Esse estágio do trabalho será viabilizado pelo Termo de Cooperação Técnica, assinado no último dia 6 de fevereiro entre a UFG, a Secretaria de Estado da Justiça (Sejus) e a Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape). Com a parceria, ficou estabelecido que a Sejus irá disponibilizar o banco de dados do órgão aos pesquisadores, criado a partir do censo penitenciário, e facilitará o acesso ao preso e aos seus familiares. A Funape fará a gestão financeira dos R$185 mil obtidos junto à Finep.

Posteriormente, alguns presidiários serão selecionados para a pesquisa qualitativa, em que novas variáveis não dimensionadas nos prontuários dos presos serão examinadas. Itens como escolaridade e renda dos detentos e de seus familiares serão incluídos na análise.

Carlos Siqueira

Professora Dalva Souza (FCHF), que coordena o projeto na UFG

Carlos Siqueira

Secretário da Justiça de Goiás, Edemundo Dias, e o reitor da UFG, Edward Brasil, durante a assinatura do convênio que viabilizará diversas pesquisas

"Isso permitirá conhecer melhor a trajetória dos reeducandos, seu cotidiano antes de ingressar no sistema, suas expectativas, perspectivas de futuro, relações familiares, de amizade, no mundo do trabalho, e em grupos de sociabilidade", afirma a professora Dalva Souza, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da UFG, que coordena os trabalhos.

A partir do cruzamento desses dados (quantitativos e qualitativos), será possível caracterizar as maiores incidências de crimes praticados por pessoas de diferentes níveis sociais. Feita essa distinção e assentada nela, o poder público poderá agir com maior eficácia no combate aos problemas sociais que levam à criminalidade. Atualmente, os próprios gestores do sistema conhecem pouco a população carcerária e a ordem social existente nas prisões. Isso dificulta a proposição, implementação e acompanhamento de políticas públicas adequadas. "Nós precisamos propor soluções para a sociedade, daí a importância de firmar parcerias com a academia", afirma o secretário de Justiça Edemundo Dias.

O estudo deve durar dois anos e, embora a chamada da Finep não preveja bolsas, haverá participação de mestrandos cujos temas de dissertação enquadram-se no projeto, assim como alunos de PIBIC e PIVIC, além de voluntários. O primeiro relatório parcial da pesquisa está previsto para sair em outubro. Entretanto, desde já é sabido que há pessoas de vários níveis culturais privados de liberdade no sistema prisional goiano, segundo afirmação do professor Francisco Rabelo, pesquisador do projeto. De acordo com ele, "é preciso um conhecimento mais detalhado desse segmento social para que a reinserção dos regressos na sociedade ocorra com êxito. Esse será o trabalho mais exaustivo em pesquisas dessa natureza já realizado em Goiás". **(Alfredo Mergulhão)**

André Penner - Revista Veja

Superlotação

Dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), referentes a 2004, estimam que o número de pessoas presas no Brasil seja de aproximadamente 336 mil. A sua maioria em presídios superlotados. O déficit de vagas é por volta das 200 mil, o que significa que, para cada vaga nos presídios, há 1,68 preso. Para dar conta dessa demanda, os investimentos necessários chegam aos R$ 6 bilhões. E ainda restam 200 mil mandatos de prisão a serem cumpridos.

Em Goiás, existem cerca de 10 mil pessoas presas nas 74 unidades prisionais da Secretaria de Estado da Justiça, com um déficit de duas mil vagas. O custo da construção de sete presídios para 300 detentos - que resolveria a situação - é de cerca de R$ 25 milhões.

Júlia Mariano

Apresentaçao de terno de congo nas ruas de Catalão

Goiás terá documentação do Patrimônio Cultural Imaterial

O Museu Antropológico (MA) da UFG teve seu projeto, intitulado "Sistematização da Documentação Referente ao Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Goiás", aprovado em primeiro lugar no edital Mapeamento e Documentação do Patrimônio Cultural Imaterial, lançado em 2006 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

O edital é referente a uma das ações do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), instituído em 2000, que viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural. Trata-se de um programa de fomento estabelecido por meio de parceria com instituições diversas ligadas à cultura, à pesquisa e ao financiamento.

Patrimônio Cultural Imaterial são as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, além dos instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados. As comunidades, os grupos e, em alguns casos, indivíduos também são considerados patrimônio cultural imaterial. Transmitido de geração em geração, ele é recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, o que gera sentimento de identidade e continuidade, promovendo respeito à diversidade cultural.

Coordenado pela PhD em Antropologia e atualmente professora voluntária da UFG, Telma Camargo da Silva, o projeto tem como objetivo realizar pesquisa documental sobre o patrimônio cultural imaterial do Estado de Goiás e diagnosticar as condições de conservação e acondicionamento desses acervos e do funcionamento das instituições que os abrigam.

O projeto será desenvolvido durante todo este ano e terá um custo de R$ 136,9 mil, dos quais R$ 100 mil serão repassados pelo Iphan e o restante será financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa na UFG (Funape). Uma equipe diversificada e qualificada participa do projeto: Ana Guiomar Sousa (História Cultural); Bethoveen Soares (História); Cíntia Maia da Costa (Ciências Sociais); Maria Elizia Borges (Artes); Mariza Damas (Música); Ney Clara de Lima (Antropologia), diretora do MA/UFG; Rosany Moreira Leitão (Antropologia), além da coordenadora e de nove estagiários que serão selecionados para participar do projeto.

As pesquisas documentais serão feitas em arquivos de instituições públicas e privadas de Goiânia, que abriguem acervos referentes à cultura imaterial do Estado. As categorias que orientarão a documentação pesquisada envolvem as temáticas relacionadas a sete campos definidos pela equipe do projeto: festa e celebrações; mitos, parlendas, máxima; sons e imagens de cidades; brincadeiras infantis; culinária; corpo, saúde e doença; histórias de fundação de lugares.

A professora Telma acredita que o projeto proporcionará o aprimoramento de competência, a atualização dos dados referentes ao patrimônio cultural imaterial e a formação de uma equipe de referência nacional. Serão oferecidos três minicursos, com 50 vagas cada um, para a qualificação dos bolsistas a para membros de instituições que lidam com essa temática. O primeiro deles, "Etnografia em arquivos", ocorrerá entre os dias 23 e 25 de março. O responsável, Celso Castro, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e diretor do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC/RJ). O segundo minicurso, "Conservação de acervos", está agendado para o período de 30 de março a 1º de abril, e será ministrado por Franciza Toledo, PhD em Arquitetura. **(Júlia Mariano)**

Fotos: Carlos Siqueira

Prefeitos e respectivos secretários municipais de Educação de dez municípios do interior goiano estiveram reunidos com dirigentes da UFG para acertar detalhes da implantação de cursos de ensino superior a distância em suas regiões

UFG cria novos cursos a distância para o interior

PROJETO DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL (UAB) IMPLANTA MAIS DEZ PÓLOS EM GOIÁS

No último mês de fevereiro, a UFG recebeu prefeitos e secretários da Educação de dez municípios do interior do estado de Goiás, a fim de discutir e apresentar o projeto Universidade Aberta do Brasil. O objetivo do encontro foi definir ações de implantação dos pólos de educação a distância da UAB/UFG em Águas Lindas, Alexânia, Alto Paraíso, Aparecida de Goiânia, Catalão, Cezarina, Formosa, Goianésia, São Simão e Uruana.

A UAB foi criada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância. Em caráter experimental, ela visa sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no país. O programa é financiado pelo MEC, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Os dirigentes municipais foram recebidos pelo reitor da UFG, Edward Madureira Brasil; pela pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves; pela coordenadora pedagógica da UAB/UFG, Cleide Aparecida da Silva, e pelo coordenador Gilson de Oliveira Barreto.

"Os cursos a distância representam uma oportunidade para a população nativa", afirma Uíter Gomes de Araújo, prefeito de Alto Paraíso. Segundo ele, a criação dos novos cursos poderá possibilitar a implantação de novas atividades econômicas na região. Igualmente satisfeito está o prefeito de Aparecida de Goiânia, José Macedo Araújo. Para ele, a criação dos cursos a distância é um marco para a cidade. "Pessoas que não têm oportunidade agora poderão contar com os cursos a distância", afirma.

Para a professora Sandramara Matias Chaves, a reunião foi fundamental para estabelecer a relação entre os prefeitos, secretários e a universidade. "Foi possível esclarecer aos dirigentes o que é a UAB, aproximando os municípios com a nossa instituição e enfatizar qual é o papel das prefeituras dentro do projeto", afirma.

Implementação – A UFG abriu em 2006, 250 vagas para o primeiro processo seletivo para os cursos de Administração de Empresas e Ciências Biológicas em oito municípios pólos. Como coordenadora do programa, a universidade deverá, por exemplo, acompanhar a elaboração e aprovação dos projetos dos cursos, realizar projeto de pesquisa, acompanhar e avaliar a implantação dos pólos nos municípios, promover processo de seleção, acompanhamento e avaliação dos orientadores acadêmicos (tutores) e organizar e acompanhar processo seletivo dos candidatos interessados.

Serão oferecidos à partir de setembro, outros três cursos, além dos já existentes: Física, Artes Visuais e Especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental, somando um total de 1.500 vagas, com uma média de 50 vagas oferecidas em cada curso. Até o dia 30 de março, prazo final estabelecido pelo segundo edital, os municípios poderão encaminhar novos projetos de pólos ao MEC, para unirem-se ao programa. Atualmente, 290 pólos de todo o país participam do projeto, em parceria com instituições públicas.

Os pólos devem oferecer infra-estrutura física (salas de aula, salas de tutoria, anfiteatros, salas de leitura, pesquisa e atendimento presencial aos alunos), biblioteca com material bibliográfico necessário para os cursos, laboratório de informática com acesso a internet e recursos multimídias (ví-deo-conferência), recursos para transporte intermunicipal e hospedagem, quando necessário, e uma equipe de tutores presenciais a ser selecionada pela instituição de ensino superior, além de possuir sustentabilidade financeira, orçamentária e técnica, para que estes sejam implementados. **(Mateus Álvares Ribeiro e Natália Ribeiro)**

Cursos a serem implantados na 1ª Etapa

- Águas Lindas - Administração de Empresas;
- Alexânia - Administração de Empresas, Artes Visuais e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Catalão - Administração de Empresas, Artes Visuais e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental
- Formosa - Artes Visuais e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Goianésia - Artes Visuais, Administração de Empresas;
- São Simão - Administração de Empresas, Artes Visuais e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Uruana - Artes, Administração de Empresas e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental.

Cursos a serem implantados na 2ª Etapa

- Águas Lindas - especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Goianésia - Biologia, Física e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Aparecida de Goiânia - Artes Visuais, Administração de Empresas e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Alto Paraíso - Artes Visuais, Administração de Empresas, Biologia e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental;
- Cezarina - Administração de Empresas, Artes Visuais e especialização em Metodologia do Ensino no Ensino Fundamental.

Divulgação

O mundo

RELATÓRIO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS COLOCA EM CHEQUE N

A Terra possui uma dinâmica climática própria, e as variações no clima são recorrentes. Fases de glaciação e interglaciação, em que ocorrem grandes oscilações, se alternaram na história do mundo. Houve um período, há 120 mil anos, no qual a temperatura média do planeta era mais alta do que a que temos hoje. E não eram os seres humanos os responsáveis por isso, pois dispunham somente de pedras lascadas. No entanto, a realidade atual é outra. O relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC), que reúne os estudos de 2500 pesquisadores de mudanças climáticas de todo o globo, divulgado no dia 2 fevereiro em Paris, foi claro e objetivo: o aquecimento global está sendo provocado pela ação humana.

Desde a revolução industrial, passando por todo o processo de desenvolvimento econômico, o homem tem potencializado a capacidade da atmosfera em reter calor da Terra. Isso ocorre devido às atividades da sociedade que, de um modo geral, têm contribuído com o acréscimo de gases que elevam a temperatura do planeta.

O dióxido de carbono é o principal deles, pois é o mais eficiente por conta da quantidade que existe na atmosfera. Porém, outros gases também retêm calor, como o vapor de água e o metano. "O carbono que está na atmosfera é o mesmo que poderia, e deveria estar na Terra, retido em todo o tipo de matéria orgânica, nas nossas células, no solo, nos tecidos de uma planta, ou em um fungo ou microorganismo qualquer", afirma a professora Gislaine Cristina Luiz, do Instituto de Estudos Sócioambientais (Iesa) da Universidade Federal de Goiás.

Padrões de produção e consumo

O atual modelo de desenvolvimento dos países ocidentais, e agora dos orientais, que também seguem os parâmetros do mundo capitalista, caracteriza-se pela exploração constante dos recursos naturais da Terra, pela geração de resíduos, e pela exclusão social. No entanto, o consumo exagerado é, para o meio físico, altamente prejudicial. A biosfera não consegue repor o que é extraído da natureza pela ação humana, pois o tempo do sistema natural não é o mesmo que o do homem.

De acordo com o relatório Planeta Vivo 2006, divulgado em outubro do ano passado pela organização não-governamental WWF, a demanda por recursos naturais é 25% maior do que a oferta do planeta, o que afeta sua capacidade de regeneração. A maior parte desse gasto vem dos países desenvolvidos, responsáveis por 80% da produção e do consumo mundial, e que possuem apenas 20% da população do globo. "Se todos os países vivessem nesses padrões, precisaríamos de dois ou três planetas para dar conta de tamanha demanda. Isso revela que nosso modelo civilizatório é incompatível com o que o planeta pode oferecer. É insustentável", afirma o jornalista e ambientalista Washington Novaes.

Porém, mudar nosso modelo de desenvolvimento é uma tarefa complexa, porque envolve questões políticas e econômicas. "Buscar uma economia embasada na questão da qualidade socioambiental passa por uma discussão muito ampla", avalia a professora Selma Simões, do Laboratório de Geologia e Geografia Física do Iesa.

Entretanto, depois do alarme causado pela apresentação do relatório anual do IPCC, a expectativa é a de que empresas e governos modifiquem suas práticas. "Mas antes do debate e da ação chegar à escala governamental, é preciso que a humanidade passe por uma conscientização com a finalidade de modificar a forma como estamos visualizando a vida", destaca a professora Gislaine. E esse nível de entendimento ainda está longe de ser atingido pela atual sociedade humana, que é muito recente nas discussões sobre aquecimento global, problemas do impacto da ação humana, e vulnerabilidade da nossa organização social perante esse período climático atípico para os seres humanos, complementa Gislaine.

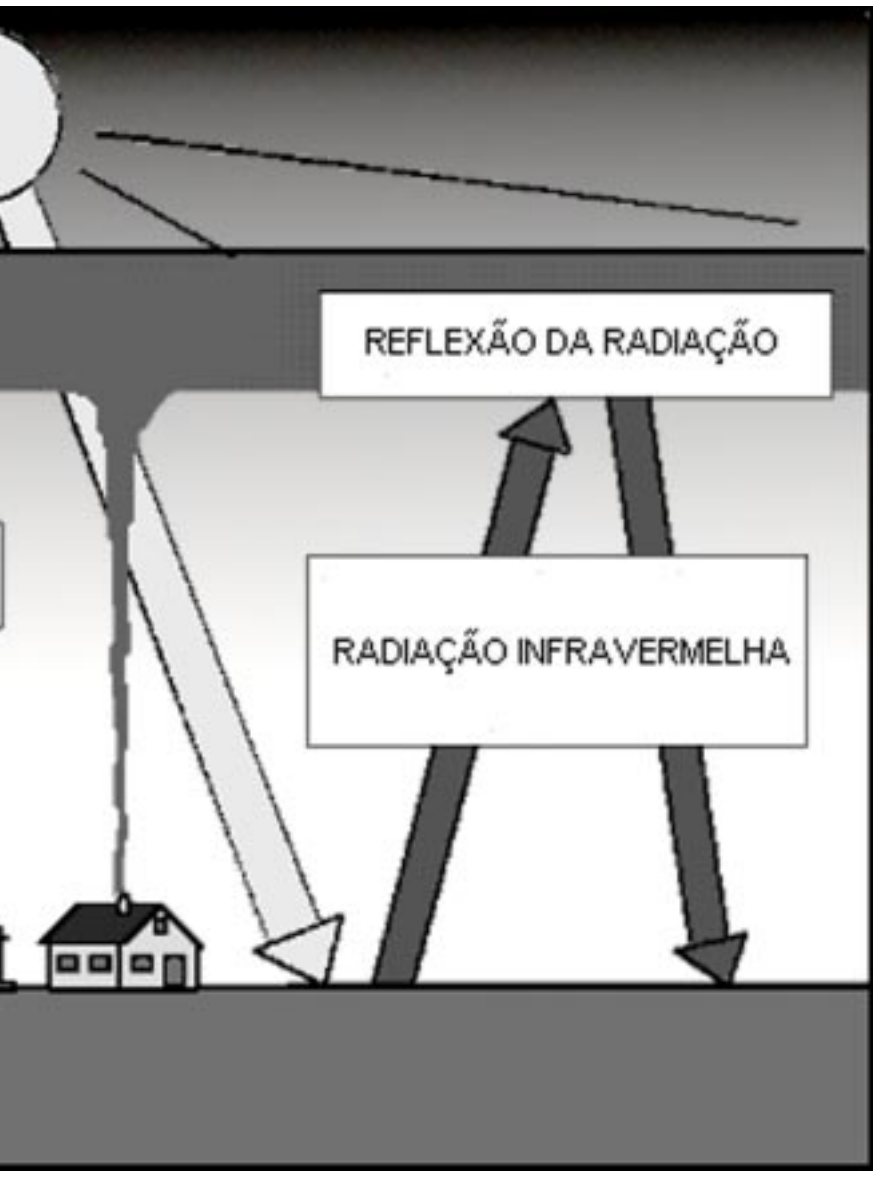
em alerta

NOSSA CIVILIZAÇÃO E LANÇA DESAFIO PARA SALVARMOS O PLANETA

Mas à medida em que os seres vivos respiram; o solo e a vegetação são queimados e desmatados; a urbanização, a quantidade de veículos e a atividade industrial crescem, o ciclo do carbono se altera, provocando aumento na concentração de gás carbônico na atmosfera. E esse processo tem aumentado a temperatura média da Terra, que era de 13,78 graus Celsius em 1905 e já está em torno de 14,50 graus. E segundo o relatório do IPCC, vai continuar a subir.

Mesmo que cessássemos por completo as emissões de gases que provocam o efeito estufa, a quantidade que já está estocada atualmente na atmosfera deve aumentar a média de temperatura do planeta em 1 grau até 2100. E as alterações na vida, decorrentes das mudanças climáticas, serão mesmo catastróficas. Teremos chuvas torrenciais cada vez maiores, enchentes, furacões mais intensos, e longas secas e estiagens. As massas de ar terão características diferentes quanto à umidade, temperatura, velocidade de vento e pressão atmosférica. Mas exemplos disso já podem ser percebidos, como o furacão que atingiu o litoral do Estado de Santa Catarina, em 2004. Na história do Brasil, este foi um fato inédito.

Por um lado, estamos com atividades que aumentam a quantidade de dióxido de carbono na atmosfera (incêndios florestais e queima de combustíveis fósseis como carvão mineral e derivados de petróleo). Por outro, a própria Terra, que tem capacidade de retirar esse CO^2 do ar por meio da vegetação (fotossíntese), tem sido desmatada. Esse é o problema, pois todas as formas de vida têm carbono, e mudanças no seu ciclo mexem com seres vivos.



Cerrado: risco de desertificação

Embora as matrizes energéticas sejam as vilãs do aquecimento global, a emissão de gases oriundos da queima de combustíveis fósseis não é a principal contribuição do Brasil nesse processo. Os desmatamentos e queimadas feitos para a prática da agricultura e da pecuária, somados ao mau uso do solo, são responsáveis por 75% do despejo de gases causadores do efeito estufa na atmosfera pelo país. A conseqüência disso será a destruição de biomas brasileiros como a Amazônia, que tende a virar savana, e o cerrado, que entrará em um processo de desertificação.

A condenação do cerrado trará prejuízos incalculáveis ao Brasil. Os Estados em que essa vegetação é predominante estão entre os maiores produtores de alimentos do país, e as mudanças climáticas provocarão irregularidades nos regimes de chuva, seca e de temperatura. O arroz e o feijão, base da dieta do brasileiro, estão entre os principais nutrimentos afetados, e poderemos sofrer falta de abastecimento.

A temperatura ideal para o plantio do arroz é de 33 graus Celsius. Quando chega a 38 graus, os estômatos da planta (responsáveis pela respiração) fecham-se totalmente, impossibilitando a realização da fotossíntese. Com o feijão a situação é ainda pior, pois a temperatura adequada para cultivo é de 30 graus, e quando chega a 35 graus o vegetal aborta. Caso a pior das hipóteses se concretize e a temperatura média do planeta se eleve em 5,8 graus até 2100, as atividades agrícolas podem sofrer graves danos. “O contato da planta com o meio ambiente se dá predominantemente por meio de sua parte aérea, e os fatores climáticos são condições fundamentais para os vegetais crescerem e desenvolverem”, afirma Silvando Carlos da Silva, pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão.

De acordo com ele, é preciso pensar em alternativas para minimizar os efeitos do aquecimento global e nos preparar para o futuro. Medidas simples como plantio direto, uso de cobertura morta, rotação de culturas e preservação de mananciais são fundamentais, pois fixam carbono no solo e evitam a lavagem de matéria orgânica. Outra alternativa é a utilização de energia limpa, que não lança gás carbônico na atmosfera.

O Brasil está avançado nas pesquisas e na política de biocombustíveis, e tem servido de modelo aos demais países do mundo. Segundo a professora Selma Simões, “temos que pensar em fontes alternativas porque a produção, o consumo, o trabalho, a vida, não funcionam mais sem energia. Nós não podemos reverter o grau de conhecimento tecnológico que o planeta já alcançou”. **(Alfredo Mergulhão)**

Sem choro pelo leite derramado

PARCERIA ENTRE UFG E NESTLÉ INCREMENTA MAIOR PRODUTIVIDADE EM REBANHO BOVINO

A atividade leiteira movimenta anualmente por volta de 10 bilhões de dólares no Brasil, e Goiás é o segundo maior produtor do país com de cerca de 3 bilhões de litros por ano. O ramo, que emprega três milhões de brasileiros, tem se tornado cada vez mais competitivo e exigido de todas as partes da cadeia produtiva investimentos em pesquisa e em mão-de-obra especializada. Atenta a essa realidade, a Universidade Federal de Goiás mantém, desde 2000, um convênio com a *Dairy Partners American* (DPA), braço da multinacional da indústria de produtos lácteos Nestlé, que trabalha com a produção e compra do leite junto aos produtores. A parceria tem o propósito de melhorar a qualidade de formação dos estudantes da Escola de Veterinária (EV) e da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA) da instituição.

O Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira (PDPL) é de caráter prático: coloca os estudantes em situações reais de trabalho para que experimentem a realidade das fazendas. No projeto, eles aprendem a gerir a atividade leiteira, desde o trato dos animais e a produção dos alimentos para o rebanho, até a parte administrativa do negócio. "Todo o processo de plantio das forragens utilizadas como ração para o gado, os tratos culturais, a aplicação de herbicidas e o controle químico de pragas são feitos pelos alunos do convênio", afirma o professor Saulo Paranhos (EA), que supervisiona os trabalhos, assim como o manejo, os cuidados nutricionais, a ordenha e a escrituração zootécnica dos bovinos.

Divulgação

A ordenha é uma das situações vivenciadas pelos estudantes do Programa de Desenvolvimento de Pecuária Leiteira

Depois de passarem por todo o processo dentro da sala de aula, os estudantes estão preparados para atender as fazendas dos produtores que entregam leite para a DPA. É o caso do estagiário Diogo Silva Santos, 20, que participa do convênio há três anos. "Além de conhecermos por completo o processo de produção de leite, nós ainda ganhamos cursos de manejo de gado, administração rural, nutrição animal, prevenção e cura de doenças, e melhoramento genético", destaca.

Para os produtores que participam do projeto, a presença da universidade na rotina das fazendas também tem sido um grande negócio. É o caso do criador Alacir Junqueira, que viu a produtividade do seu rebanho dobrar nos últimos 12 meses, de 250 para 500 litros por dia, com a mesma quantidade de vacas. "Hoje eu tenho um gado limpo, higienizado, produzo ração dentro da minha propriedade, com análise de terra e tecnologia de plantio, graças ao trabalho dos estagiários e o respaldo dos professores. Não faço mais nada na fazenda sem o acompanhamento do pessoal do projeto", afirma.

Para o professor Milton Luiz Moreira Lima (EV), mentor do programa, "mais do que aplicar o conhecimento adquirido na sala de aula, os estudantes podem conhecer a realidade da profissão com vivência no ambiente social das fazendas e com a produção comercial do leite".

Trabalho pesado

Entre os dias 3 e 11 de fevereiro, estagiários e professores envolvidos no Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira colheram cerca de 850 toneladas de sorgo plantados em 17 hectares de terra, pertencentes à Escola de Veterinária, nos limites territoriais do Câmpus Samambaia da UFG. O material é para a produção da silagem - forragem conservada por meio de um processo de fermentação anaeróbica (ensilagem) que conserva valor nutricional semelhante ao da forragem verde – que será usada como alimento para o rebanho que pertence à universidade.

A silagem é utilizada, sobretudo, na época da seca, pois é nutritiva e tem um custo de produção reduzido. Todo o processo de plantio da matéria prima foi feito pelos alunos do convênio. Os cuidados nutricionais, somados à atenção na prevenção e cura de doenças, melhoramento genético, reprodução e manejo animal tem melhorado a produtividade do gado. **(Alfredo Mergulhão)**

UFG implanta Estação de Pesquisa em Tratamento de Esgoto

A Universidade Federal de Goiás já possui um Centro de Pesquisa em Tratamento de Esgoto. Com infra-estrutura adequada, matéria prima disponível e segurança, o Centro foi inaugurado no dia 19 de dezembro, junto à Estação de Tratamento de Esgotos da UFG (ETE) Samambaia. O projeto, coordenado pelo professor Rogério de Araújo Almeida, da Escola de Agronomia, teve sua primeira estação de pesquisas instalada nas proximidades do clube Sint-UFG, mas devido à falta de vigilância e à ação de vândalos, houve a necessidade da transferência de local.

A estação de pesquisas não tem objetivo de tratar o esgoto de todo o Câmpus II. Apenas uma amostra do esgoto da ETE é recolhida para a realização das pesquisas em reuso de esgoto e em tratamento de esgoto por plantas. Nesse último processo, o esgoto, ao passar pela região das raízes das plantas, sofre ação do substrato das plantas e de microorganismos que o purifica. As espécies vegetais usadas na pesquisa são a taboa (Typha sp.) e o junco (Phragmites sp.).

Segundo o coordenador do projeto, que ganhou o "Prêmio Crea Goiás de Meio Ambiente 2004" na categoria saneamento, "o tratamento de esgoto com plantas consiste numa tecnologia simples, eficiente e barata para o tratamento de esgotos, sendo, assim, uma excelente alternativa para as áreas desprovidas de serviços de coleta de esgotos e distantes de estações de tratamento". Além do processo ser mais barato do que o convencional, ele permite que sejam implantadas pequenas estações nos bairros e nas empresas, sem odores e insetos, e com a possibilidade de integração ao meio pelo fato de as estações serem consideradas jardins.

Fotos: Carlos Siqueira

***P**rofessor Rogério Almeida explica aos presente à solenidade de inauguração da ETE sobre o seu funcionamento*

A estação está aberta aos pesquisadores da UFG que queiram desenvolver pesquisas com esgoto. No momento, estão em andamento um projeto de dissertação de mestrado (PPGEMA), um projeto de iniciação científica (PIBIC) e um projeto de inovação tecnológica (BITEC). Compõem a equipe do projeto professores da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos e da Escola de Engenharia Civil, técnicos da Saneago, uma aluna do mestrado em engenharia do meio ambiente (EEC), um bolsista de iniciação científica, um bolsista de iniciação tecnológica e uma estagiária, aluna de Agronomia da Universidade Estadual de Goiás. As pesquisas desenvolvidas nessa estação resultarão em artigos científicos, assim como a tese de doutorado resultante de pesquisas na primeira estação, cujos artigos encontram-se na fase de publicação.

Estação de Tratamento de Esgoto – A ETE Samambaia foi inaugurada no dia 4 de junho de 2004. Construída pela Saneago, com recursos do Estado de Goiás, a estação foi a quinta a entrar em operação em Goiânia, com o objetivo de atender todo o Câmpus II da UFG.

Muitos outros dirigentes já tinham tentado, sem sucesso, junto à União a obtenção de verbas para a construção de uma rede que tratasse o esgoto da UFG, parte dele com resíduos químicos dos laboratórios. Anteriormente, a UFG já havia sido autuada por poluir o meio ambiente, aparecendo na lista dos maiores poluidores do rio Meia Ponte.

As outras quatro estações de tratamento de esgoto que operam na capital são: a ETE Dr. Hélio Seixo de Brito (responsável pelo tratamento de 70% do esgoto coletado em Goiânia), a ETE Aruanã, a ETE Parque Ateneu e a ETE Cruzeiro do Sul. **(Júlia Mariano)**

A vez do açafrão

PROJETO DE EXTENSÃO DA UFG PROCURA ORIENTAR PRODUTORES DE AÇAFRÃO DE MARA ROSA A SUPERAR SUAS DIFICULDADES E SE FIRMAR NO MERCADO

Fotos: Gilcene Rodrigues

Mara Rosa é um município de pouco mais de 11 mil habitantes, localizado no norte de Goiás. Como muitas cidades do interior, sua principal atividade econômica é a agricultura. A grande diferença é que Mara Rosa é o maior produtor de açafrão do Estado, chegando a contribuir com 90% da produção. Originária da Índia, a planta foi trazida pelos bandeirantes que a usavam para marcar o caminho, devido a sua facilidade de adaptação. O cultivo da planta se tornou a principal atividade econômica da região. Depois do trabalho da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) com os produtores, a atividade começou a superar as antigas técnicas de processamento e passou para um estágio que busca a valorização do produto.

O projeto existe desde 1998, quando a Escola de Agronomia recebeu uma visita do então prefeito de Mara Rosa, Oton Aguiar, e um ex-aluno da escola, que procuravam orientação para o desenvolvimento da produção de açafrão, principal atividade econômica da cidade. Coordenado inicialmente pela professora aposentada Henriquieta Merçon Vieira Rolim, o projeto começou com uma pesquisa dentro da EA sobre as melhores alternativas para o cultivo e manejo das plantações de açafrão. "Foi um trabalho direcionado para a realidade de Mara Rosa", afirma a professora.

Com o tempo, o projeto se expandiu devido à necessidade de se estudar toda a cadeia produtiva do açafrão, ou seja, realizar um trabalho de orientação do plantio à venda do produto. À medida que os produtores tomavam conhecimento da importância de se organizar, eles mesmos começaram a tomar suas decisões.

A maior delas foi a de montar uma cooperativa de produtores de açafrão. A idéia surgiu após uma viagem a São Paulo (o maior comprador do produto no Brasil), onde eles perceberam a necessidade de se organizar e trabalhar pela valorização do seu produto. A atuação da UFG também foi importante para a orientação dos produtores sobre a melhor forma de organização e gestão do negócio.

Produtores se oraganizaram em cooperativa para facilitar a produção e a comercialização do produto

"A decisão final é deles" – Ao contrário de outros programas que se limitam a dar minicursos e não oferecem nenhum apoio ou orientação, o projeto da Escola de Agronomia orienta e auxilia ao produtor de Mara Rosa. Mas não se trata de um trabalho intervencionista. "O papel da Universidade não é tomar a decisão por eles", afirma Fernando Bartholo, servidor técnico-administrativo da EA, há três anos envolvido no projeto. A idéia é unir o conhecimento dos pesquisadores da universidade ao dos produtores, mas a decisão final cabe aos principais interessados.

Aplicações – Segundo o professor Celso José de Moura, atual coordenador do projeto, o açafrão é usado principalmente pela indústria como corante nas indústrias de tintas, tecidos e alimentos e como condimento nesta última. No entanto, ele acredita que, futuramente, o principal comprador de açafrão destes produtores será a indústria de medicamentos, devido às suas propriedades medicinais (antiinflamatório).

Atualmente o projeto inclui áreas multidisciplinares, que trabalham com as diversas propriedades do açafrão, tais como o uso como medicamento no tratamento do câncer de melanoma (ver correlata), além de contar com o apoio de outras entidades fora da UFG, que se dispuseram a dar o apoio necessário para os produtores.

Foram também desenvolvidos protótipos de máquinas de processamento do açafrão (moinho e secador), de fabricação própria. A substituição da técnica manual de processamento permitiu uma maior qualidade do produto final, que era muito vulnerável à contaminação. As mudanças ocorridas no manejo do açafrão provocaram uma valorização no produto. O quilo, que antigamente era vendido a 50 centavos, passou a valer R$3,50, o que indica uma mudança no quadro social da região.

Tratamento contra o câncer

Pesquisa desenvolvida na UFG aponta sucesso de 100% do pigmento do açafrão no combate ao Melanoma

O Melanoma surge no melanócito, célula do tecido epitelial responsável pela fabricação e acúmulo de melanina. É considerado o mais maligno de todos os tipos de câncer de pele por sua capacidade de provocar metástases (surgimento do tumor em outras regiões do corpo), inclusive órgãos vitais. A remoção do tumor é por meio de cirurgia, mas a taxa de mortalidade em pacientes com Melanomas maiores do que dois milímetros ainda é alta.

Uma pesquisa desenvolvida no Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFG promete oferecer um tratamento eficaz e bem menos doloroso do que os atuais. A substância estudada, a Curcumina, encontrada no açafrão, é usada há séculos por povos como os hindus como antiinflamatório e remédio para o fígado.

Os estudos comprovam que, em experimentos controlados em laboratório, a Curcumina causa a morte de 100% das células de Melanoma. A morte, neste caso, ocorreu por apoptose (espécie de morte natural da célula, sem prejudicar as demais), ao contrário de outros medicamentos que causa a morte por necrose, onde, além da morte da célula cancerígena, a substância causa uma série de outras reações prejudiciais na área atacada.

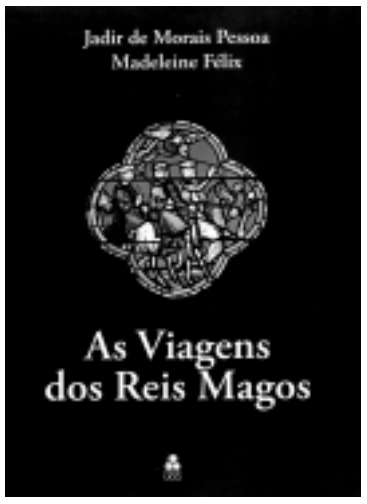
A professora de Bioquímica e coordenadora da pesquisa, Lídia Andreu Guillo afirma que a Curcumina atua na enzima defeituosa do Melanócito. As amostras analisadas em laboratório demonstram que a substancia atuou sobre o núcleo da célula, destruindo-o.

A substância ainda não foi testada em seres humanos, o que para a professora Lídia não será tão difícil de conseguir, uma vez que a Curcumina é, comprovadamente, um fitoterápico que não agride o organismo. "Esta é uma pesquisa fácil de passar por qualquer laboratório porque a Curcumina não é tóxica", afirma a professora. Assim que autorizado o experimento em cobaias humanas, a professora pretende aplicar o tratamento em pacientes terminais (aqueles que não respondem mais ao tratamento tradicional). A aplicação do tratamento poderá ser por meio de cápsulas com a substância, como se o paciente estivesse comendo açafrão. **(Matheus Álvares Ribeiro)**

De Belém para o Brasil

LIVRO DE PROFESSOR DA UFG E PESQUISADORA FRANCESA CONTA HISTÓRIA MILENAR DOS REIS MAGOS PELO MUNDO

Da devoção de um folião e da grande admiração de uma pesquisadora pelos mistérios sobre os Reis Magos, nasceu o livro *As Viagens dos Reis Magos*. A obra, escrita pelo professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), Jadir de Morais Pessoa, e pela francesa Madeleine Félix, pretende contar a trajetória dos Três Reis Magos pelo mundo. O livro começa a partir do caminho dos Reis para Belém, Jerusalém, a sua mais famosa viagem, até a ida de seus restos mortais para a Catedral de São Pedro, na cidade de Colônia, Alemanha, no ano de 1164, além da difusão da devoção pelos Reis no Brasil. "Trata-se de uma história milenar, descrita, desenhada, vivida e cantada mundo afora por uma infinidade de pessoas", explica o professor.



De um modo geral as manifestações da devoção aos Reis Magos recebem o nome de Reisado, e ocorrem do dia 31 de dezembro a 6 de janeiro. Essa semana seria correspondente ao tempo levado pelos Reis Magos para chegar à Belém, no local onde o menino Jesus havia nascido. Contudo, o Reisado pode ser encontrado em várias regiões do mundo, não só com outros nomes, mas também com outras formas de representação. Isso se deve principalmente às características culturais, geográficas e de origem dos festejos nas localidades. O autor cita como exemplo termos que nomeiam o Reisado no Brasil: Terno de Reis, em Santa Catarina, Reisado, na maioria dos estados do Nordeste e Boi de Reis ou Reis de Boi, na região Norte do País.

Bernard Félix

Professor Jadir Pessoa e Madeleine Félix, autores do livro

Na Europa, os Cantares de Reis, como é conhecida a comemoração, são compostos por coros de crianças que realizam cantatas nas portas das casas falando e cantando versos sobre os Reis e o Ano Novo. No Brasil, os festejos aos Reis Magos se difundiram a partir dos estados de Goiás, São Paulo, sul de Minas Gerais e parte do Mato Grosso do Sul, partes integrantes da extinta Região chamada de Brasil-Central. Nesses locais, onde se concentram as manifestações mais representativas no Brasil, o Reisado recebe o nome de Folia de Reis.

Apesar de a Igreja Católica não reconhecer os Reis Magos como santos, o Reisado é considerado uma manifestação do catolicismo popular, mas organizado por pessoas que não são ligadas à Igreja. No Brasil, o dia 6 de janeiro é chamado de "Dia de Santos Reis".

O livro, que foi viabilizado pela Secretaria de Cultura de Goiânia por meio da Lei Goiana de Incentivo à Cultura, é fruto de cinco anos de trabalho de Jadir de Morais, que é professor de Sociologia e ministra a disciplina Educação e Movimentos Sociais Camponeses na pós-graduação da FE. Além do arquivamento, coleta de material e da escrita, o autor também fez a tradução da parte da autora francesa. O lançamento do livro ocorreu no dia 14 de janeiro durante o 6° Encontro de Folia de Reis em Goiânia, na Praça Matriz, no setor Campinas, e contou com a presença do pró-reitor de Extensão e Cultura da UFG, Anselmo Pessoa Neto.

Gilcene Rodrigues

Folia de Reis das Lages (Itapuranga-GO) apresentando-se durante o VI Encontro de Folias de Reis em Goiânia, na Praça da Matriz de Campinas, no dia 14 de janeiro

A Folia de Reis

A Festa da Folia de Reis, como é chamado o Reisado nos estados de Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, tem como identidade essencial o Giro. Ele consiste no percurso de visita às casas dos devotos, que os foliões fazem com a bandeira durante o período da festa, e entre os momentos da saída e a chegada, também chamada arremate ou entrega.

Na saída, é realizada a cerimônia de retirada ou levantamento da bandeira, que ocorre na casa de um folião previamente escolhido. O morador que receberá a bandeira na saída e na chegada é selecionado por sorteio entre os apresentados espontaneamente a participar da comemoração. Uma prioridade na seleção são aqueles devotos que fizeram promessa de receber a bandeira em sua casa. Após a cerimônia de saída, é realizada a reza do terço e servido um almoço ou jantar, de acordo com o horário da visita.

No giro, a bandeira vai visitando diferentes moradores católicos da região, como um compromisso com os devotos que a recebem. Durante as visitas, os foliões pedem licença para entrar nas casas, anunciam a chegada dos Três Reis Magos e entregam a bandeira ao morador para que ele benza os cômodos da sua residência. Em seguida, o dono da casa dá a "oferta para a bandeira", uma contribuição espontânea, chamada de esmola, que é destinada à festa final, realizada na chegada da bandeira na casa que a hospedará até o período da Folia de Reis, no ano seguinte. Nessa festa acontece a cerimônia final, a passagem da coroa, o almoço ou jantar dos foliões e o anúncio do festeiro do próximo ano.

Participam do giro, o alferes da bandeira, que tem a função de carregá-la durante as visitas, o gerente do giro, que é o responsável pela administração do percurso, e o embaixador, que guarda a tradição da folia, e tem papel de maior importância na cerimônia. É ele quem inicia o canto, que é seguido pelo coro ou cantadores, que repetem os mesmos versos do embaixador. O coro é formado por um conjunto de no mínimo quatro pessoas, que também tem o papel de instrumentistas. Os mais usados são acordeom, pandeiro, violão, viola, caixa e reco-reco. Em Goiás o coro costuma ter seis vozes. **(Mariana Clímaco)**

Sala de Leitura da Faculdade de Medicina vence concurso

O projeto "Sala de Leitura da Faculdade de Medicina da UFG comemorou dez anos" e obteve o primeiro lugar no concurso "Marketing dentro da minha biblioteca – 2006", promovido pela Elsevier - editora do conhecimento *online* -, para premiar bibliotecários com os melhores trabalhos em formato eletrônico que divulguem as bases de dados da editora. A autora do projeto é a bibliotecária Maria Raquel Gomes da Silva, que apresentou uma seqüência de 46 fotos, mostrando a história da Sala de Leitura da Faculdade de Medicina em três tempos: seu início, o atual e as perspectivas para o futuro.

O concurso, realizado no final do ano passado, avaliou trabalhos de bibliotecários de todo o país que atuam no portal de periódicos da Capes, sob os critérios de criatividade/originalidade, facilidade de implementação e retorno da campanha promocional. O segundo lugar ficou com a Universidade de Ponta Grossa, no PR, e o terceiro com o Centro Universitário Senac, Câmpus de Santo Amaro, SP. Líder em publicações científicas nas áreas de saúde, ciências e tecnologia, a editora Elsevier é das mais antigas do planeta e está presente em vários países.

Pela primeira classificação, a bibliotecária da Faculdade de Medicina irá receber R$ 500,00 em vale-compras, um kit de brindes e participará do seminário internacional da *Library Connect*, com todas as despesas pagas, onde o trabalho será apresentado. Maria Raquel explica que contou a história da Sala de Leitura da FM por meio de bonecos e outras ilustrações confeccionados artesanalmente e apresentados em forma de um painel lúdico, junto com a documentação existente sobre os dez anos de existência da sala.

Carlos Siqueira

A sala - Criada em 1960, junto com a Faculdade de Medicina da UFG, a Sala de Leitura foi implementada a partir de 1996. Está instalada no prédio da FM ao lado da diretoria, onde diariamente recebe cerca de 400 estudantes. O acervo consta de livros didáticos que são referência na grade curricular da faculdade, além de publicações científicas que podem ser manuseadas pelos alunos em espaço confortável e funcional. Dispõe ainda de cerca de 30 computadores, onde os alunos podem preparar seus trabalhos acadêmicos com acesso a pesquisas pela internet, especialmente em bibliotecas virtuais. (Colaboração: **Maria da Graça Silva Gonçalves**)

Mais recursos para obras da Universidade

COM ORÇAMENTO INSUFICIENTE, UFG RECEBE APOIO DA BANCADA GOIANA NO CONGRESSO NACIONAL

Desde o início de 2006, a Universidade Federal de Goiás (UFG) vem estreitando suas relações com as lideranças políticas do Estado, na tentativa de melhor suprir algumas deficiências (a maioria estrutural) da instituição. Os frutos desta relação já podem ser vistos pelo sucesso da universidade em reunir estas lideranças em torno da instituição e por meio da liberação de recursos financeiros.

Exemplo disso são os recursos recebidos, provenientes das emendas parlamentares para o orçamento de 2006. Ao todo, foram R$ 550 mil indicados pelos deputados federais Carlos Alberto Leréia (PSDB), Wilmar Rocha (PFL), Neyde Aparecida (PT), Rubens Otoni (PT) e Raquel Teixeira (PSDB). Os recursos foram destinados à construção de um núcleo de salas de aula, no prédio do Instituto de Matemática e Estatística (IME), no Câmpus Samambaia. Além dessa verba, foram liberados mais R$ 350 mil, provenientes de emenda da deputada Raquel Teixeira, para a construção do Café das Letras, vinculado ao cinema da Faculdade de Letras.

Para o orçamento de 2007, a universidade conseguiu a indicação de mais de R$ 3 milhões, provenientes de emendas individuais de parlamentares goianos. Assim que liberados – o que pode ocorrer ao longo do ano –, os recursos serão destinados, também, ao bloco de salas de aula.

Os parlamentares que assinaram as emendas foram: Ronaldo Caiado (PFL), com R$ 650 mil; Raquel Teixeira (PSDB), com R$ 550 mil; Vilmar Rocha (PFL), com R$ 400 mil; Luiz Bittencourt (PMDB), com R$ 220 mil; Rubens Otoni (PT), João Campos (PSDB), Neyde Aparecida (PT) e Barbosa Neto (PSB), com R$ 200 mil cada; Leonardo Vilela (PSDB) e Pedro Chaves (PMDB) com R$ 150 mil cada, e Sandes Júnior (PP) com R$ 100 mil.

Além disso, a universidade conseguiu que lhe fossem destinados R$ 15 milhões, provenientes de emenda da bancada de Goiás, e incluídas na proposta orçamentária de 2007. Assim que liberado (o que também poderá ocorrer ao longo do ano), o recurso será destinado à construção de um bloco de internação hospitalar no Hospital das Clínicas, visando à ampliação e melhoria do atendimento à população. As obras desse prédio já se encontram em andamento e necessitam de mais verbas para a sua continuidade.

Carlos Siqueira

O reitor Edward Brasil (centro) recebe a visita do senador Marconi Perillo e da deputada federal Raquel Teixeira

A UFG está entre as Instituições Públicas de Ensino Superior que receberam a maior quantidade de recursos. "Nunca a UFG conseguiu arrecadar tantos recursos como agora", afirma o professor Tasso de Souza Leite, assessor especial da Reitoria. O dinheiro será destinado à construção de salas de aulas para atender a expansão dessas atividades. Novos recursos estão sendo buscados para a construção de um espaço próprio para a realização de eventos, como apresentações artísticas e culturais, congressos científicos, convenções, feiras e solenidades de colação de grau.

Relações estreitas – Sem recursos suficientes para suprir necessidades estruturais, a UFG tem de recorrer a outras formas de financiamento. Parte desses recursos vem de editais de pesquisa publicados por órgãos como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). A outra parte vem do estreitamento das relações da universidade com lideranças do Estado. O objetivo é mostrar aos parlamentares goianos a importância da UFG para Goiás e a necessidade de apoio à instituição. Foi o que ocorreu em um jantar realizado pela UFG no ano passado, em Brasília. O encontro reuniu 10 dos 17 deputados federais do Estado, os senadores Maguito Vilela e Lúcia Vânia, além de representante do senador Demóstenes Torres. "Nenhuma instituição goiana conseguiu reunir tantos parlamentares", afirma o professor Tasso Leite. O próximo desafio da universidade é lutar junto a essas lideranças políticas para a liberação efetiva dos recursos indicados. **(Matheus Álvares Ribeiro)**

Algumas obras

Fotos: Carlos Siqueira

O bloco que abrigará os setores de Dermatolgia e Endoscopia é uma das obras em andamento no Hospital das Clínicas

A futura sede do Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) está sendo construída ao lado do Centro de Manutenção de Equipamentos (Cemeq)

Câmpus Samambaia ganha bloco com 28 salas distribuídas em três pavimentos, que atenderá diversos cursos

Nos fundos da Faculdade de Letras está sendo construído um centro de convivência, que completará a estrutura física do Cinema da UFG e do Café das Letras

EM TEMPO

Bolsas para conclusão de curso

Dos 27 alunos de jornalismo de todo o país contemplados com bolsas do Programa de Cooperação para a Qualificação de Estudantes de Jornalismo, promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) e pela Fundação Kellog, três são da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Eles foram julgados por seus projetos de conclusão de curso e vão receber uma bolsa de R$ 300,00, durante seis meses, para a produção de seus trabalhos.

Os alunos da UFG selecionados são: Cíntia Magalhães da Silva (Estudo da mídia na escola: análise do programa "Escola Sem Fronteiras" - rádio educativa em ondas e de pátio - sob a ótica da Educomunicação), Júlia Mariano Ferreira (Infância Sem Terra - fotografia) e Renato Cirino Alves Pereira e Renato Rodrigues (Vox Populi: reconhecimento da sabedoria popular).

O programa recebeu inscrições de alunos de 38 universidades de 13 estados brasileiros. Os trabalhos inscritos possuem temas como cultura popular, violência doméstica, rádio comunitária, jornal de bairro, análise de conteúdo da mídia com foco no público infantil, dentre outros. A intenção é contribuir para a preparação de jornalistas que estejam atentos às causas sociais, com o sentido de preencher uma lacuna importante no Jornalismo brasileiro.

A relação dos alunos selecionados pelo programa pode ser encontrada na página da Andi, por meio do link: http://informacao.andi.org.br:8080/relAcademicas/site/bolsas_trabSelecionados.htm

Carlos Siqueira

Fim da primeira etapa do curso foi marcada por apresentações artísticas

Turma especial de Pedagogia

Uma mostra de arte marcou o fechamento do primeiro módulo da turma especial de Pedagogia, voltada para a formação de professores vinculados a assentamentos de trabalhadores rurais sem-terra, também chamado de "Pedagogia da Terra". Os estudantes aproveitaram as produções feitas na disciplina "Arte e Educação" e expuseram o material durante a cerimônia de encerramento, realizada no dia 23 de fevereiro, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

Os 62 estudantes da turma, batizada de "Salete Strosake", em homenagem à educadora do campo, ainda terão pela frente outros nove módulos até a colação de grau, prevista para janeiro de 2011. O curso intercala aulas presenciais e aulas a distância, realizadas nos intervalos dos módulos. Participaram do evento a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, representando o reitor Edward Madureira Brasil, e o pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária, Ernando Melo Fillizola.

Primeira defesa

• **Ciência e Tecnologia de Alimentos** – O estudante Henrique Esteves Amorim, do curso de mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, realizou a defesa de sua dissertação no último dia 15 de fevereiro, na Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG. Trata-se da primeira defesa de dissertação do curso. O título do seu trabalho é "Influência do tempo de estocagem de leite cru refrigerado sobre a presença de CMP (Caseinomacropeptídeo)" e foi realizado sob a orientação do professor Celso José de Moura.

• **Ciências Farmacêuticas** – O programa de pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, implantado em julho de 2005, também teve a sua primeira dissertação defendida recentemente. O discente Rodrigo Borges de Oliveira defendeu, no último dia 6 de fevereiro, o trabalho "Avaliação das atividades antinociceptivas, antiinflamatória e depressora do sistema nervoso central das folhas do *Synadenium umbellatum* Pax", sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos da Cunha, da Faculdade de Farmácia da UFG.

DISSERTAÇÕES E TESES

MESTRADO

Cultura Visual – Faculdade de Artes Visuais (FAV)

Nome: NANCY DE MELO BATISTA
Título do Trabalho: "A gravura como poética atual e alguns paradigmas de uma velha tecnologia: uma produção de gravura em metal"
Orientador: prof. José César Teatini de Souza Climaco
Data da defesa: 01/nov/2006

Nome: MÔNICA MITCHELL DE MORAIS BRAGA
Título do Trabalho: "Representações do trabalhador no modernismo brasileiro dos anos 30 E 40: um projeto de trabalho em ensino de arte"
Orientador: prof. Luis Edegar de Oliveira Costa
Data da defesa: 19/dez/2006

Nome: RAFAEL ALVES PINTO JUNIOR
Título do Trabalho: "Os azulejos de Portinari como elementos visuais da arquitetura modernista brasileira"
Orientador: prof. Luis Edegar de Oliveira Costa
Data da defesa: 11/dez/2006

Nome: MIGUEL LUIZ AMBRIZZI
Título do Trabalho: "Caminhos cruzados. Artistas entre viagens, olhares e tempos: arte e ciência na expedição Langsdorff - séculos XIX e XX"
Orientadora: profª. Rosana Horio Monteiro
Data da defesa: 14/fev/2007

Engenharia Elétrica e de Computação – Escola de Engenharia Elétrica e de Computação (EEEC)

Nome: DANIEL LEITE LACERDA
Título: "Programação inteira para otimização de uma frota homogênea de navios e roteamento marítimo aplicado a uma Companhia Liner"
Orientador: prof. Paulo César M. Machado
Data da defesa: 06/out/2006

Nome: LENA LÚCIA DE MORAES
Título: "Catálogos inteligentes com preservação topológica para comércio eletrônico-concepção, implementação e validação empírica"
Orientador: prof. Weber Martins
Data da defesa: 26/out/2006

Nome: WANDERSON RAINER HILÁRIO DE ARAÚJO
Título: "Projeto e construção de um protótipo e implementação de estratégias de chaveamento de um motor a relutância chaveado"
Orientador: prof. Bernardo Pinheiro Alvarenga
Data da defesa: 31/out/2006

Nome: EDUARDO DE CARVALHO REZENDE
Título: "Análise de inadimplência em dados de faturamento utilizando Rede Bayesiana Ingênua aumentada em Redes Bayesianas"
Orientador: prof. Reinaldo Gonçalves Nogueira
Data da defesa: 15/dez/2006

Nome: MARCELO NARVAES FIADEIRO
Título: "Gestão informatizada do relacionamento com o cidadão "
Orientador: prof. Leonardo Guerra de R. Guedes
Data da defesa: 27/jan/2007

Nome: LILIA CORREA ARANTES
Título: "Da maturidade organizacional para a gestão auxiliada por *Data Warehouse*"
Orientador: prof. Leonardo G. de R. Guedes
Data da defesa: 26/fev/2007

Engenharia Civil – Escola de Engenharia Civil (EEC)

Aluna: LILIAN PUREZA DE ASSIS
Título da dissertação: "Otimização de estruturas reticuladas planas com comportamento geometricamente não linear"
Orientadora: profª Sylvia Regina Mesquita de Almeida
Data da defesa: 20/out/2006

Enfermagem – Faculdade de Enfermagem (FEN)

Nome: FABIANA PEREZ RODRIGUES
Título: "Epidemiologia da infecção pelo vírus da hepatite B em usuários de drogas ilícitas em Campo Grande, MS "
Orientadora: profª. Sheila Araujo Teles
Data da defesa: 12/dez/2006

Nome: SELMA RODRIGUES ALVES MONTEFUSCO
Título: "Diagnósticos de enfermagem identificados em famílias em situação de acompanhamento hospitalar utilizando o modelo Calgary"
Orientadora: Profª. Maria Márcia Bachion
Data da defesa: 19/dez/2006

Nome: EDNA MAGALHÃES DE ALENCAR BARBOSA
Título: "Boletim Informativo em UTI: percepção de familiares e profissionais de saúde"
Orientadora: profª. Virginia Visconde Brasil
Data da defesa: 22/dez/2006

Nome: MARIA ALICE COELHO
Título: "Planejamento e execução de atividades de enfermagem em hospital de rede pública de assistência, em Goiânia - GO"
Orientadora: profª. Maria Alves Barbosa
Data da defesa: 2/fev/2007

Nome: CARLA NATALINA DA SILVA FERNANDES
Título: "O Enfermeiro como coordenador de grupos: contribuições da dinâmica de grupo"
Orientadora: profª. Denize Bouttelet Munari
Data da defesa: 14/fev/2007

Nome: MARIA AUXILIADORA GOMES DA MELO BRITO
Título: "Diagnósticos de enfermagem da NANDA identificados em pessoas com lesão medular abordagem baseada na Teoria do Déficit de Autocuidado"
Orientadora: profª. Maria Márcia Bachion
Data da defesa: 23/fev/2007

Nome: PATRÍCIA LUZ ALMEIDA LEROY
Título: "Vigilância Sanitária: uma perspectiva do cuidado em enfermagem"
Orientadora: profª. Milca Severino Pereira
Data da defesa: 23/fev/2007

Nome: FABIANA RIBEIRO SANTANA
Título: "Integralidade do Cuidado: concepções e práticas de docentes de Graduação em Enfermagem"
Orientadora: profª. Adélia Yaeko Kyosen Nakatani
Data: 28/fev/2007

Calouro, informe-se!

Calouro! Você, que acabou de chegar, ainda tonto com tantas coisas novas, muitos colegas diferentes, professores, lugares, nomes, matérias... Ufa! Quanta coisa! A Universidade é um mundo novo repleto de coisas boas e proveitosas a fazer, conhecer e viver. Aqui na Universidade Federal de Goiás, além de tudo que você terá oportunidade de aprender na vida acadêmica, com certeza terá momentos inesquecíveis para lembrar sempre: conversas em sala de aula, nos corredores, pátios e lanchonetes, palestras, congressos, viagens, a pamonharia... Você tem muita coisa para conhecer ainda. Mas para aproveitar plenamente tudo que a universidade tem para lhe oferecer, conheça um pouquinho mais sobre esta instituição que acaba de lhe receber de portas abertas.

Carlos Siqueira

Calouro da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia recepcionado por estudantes veteranos

Lazer e cultura

No quesito cultura, a UFG dispõe de espaços importantes. Entre algumas sugestões estão: Museu Antropológico, localizado na Praça Universitária; Planetário, no Parque Mutirama; Galeria da Faculdade e Artes Visuais (FAV), no Câmpus Samambaia; e o Espaço Cultural Galpão das Artes, no setor Universitário.

Carlos Siqueira

Estudantes da Escola de Música e Artes Cênicas, durante uma aula

Outros eventos também já fazem parte do calendário de atividades culturais da universidade, como o Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex), o Festival de Música da EMAC e a Mostra Multicultural Milton Santos. Congressos e seminários são ótimas oportunidades para o aluno participar de palestras e minicursos sobre temas diversos, além de assistir a shows e apresentações. Outro evento que ocorre anualmente é a Feira do Servidor da UFG.

Bibliotecas

Para utilizar os serviços do Sistema de Bibliotecas (Sibi/UFG), o estudante tem que requisitar a sua carteirinha, pagar uma taxa única de R$ 2,00 e apresentar o seu comprovante de matrícula. A UFG conta com cinco unidades, uma central, localizada no Câmpus Samambaia, e quatro setoriais: no Câmpus Colemar Natal e Silva ou Câmpus I, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (BSCepae) e nos Câmpus de Jataí e Catalão. No total, o Sibi reúne cerca de 150 mil volumes de livros e mais de 1.700 fitas de VHS e DVD.

Carlos Siqueira

Biblioteca do Câmpus de Catalão

TELEFONES ÚTEIS

- Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAA): 3521-1070
- Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom): 3209-6241/3209-6239, www.procom.ufg.br
- Creche – 3521-1028
- Serviço de Odontologia: 3209-6237
- Casa do Estudante Universitário – CEU I: 3202-1156/ CEU II: 3212-4513/ CEU III: 3202-1755
- Restaurante Universitário–RU I:3521-1064 e RU II:3521-1032
- Pró-Reitoria de Graduação (Prograd): 3521-1318
- Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec): 3521-1198
- Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG): 3521 1076/3521-1023
- Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI): 3521 1165/3521-1193
- Espaço Cultural Galpão das Artes: 3521-1329
- Galeria da FAV: 3521-1445
- Museu Antropológico: 3209-6010, www.museu.ufg.br
- Planetário: 3521-1600, www.planetário.ufg.br

Alimentação e serviços

Na UFG o estudante tem muitas opções de lugares para comer. Além de ter dois restaurantes universitários (RU I e II) e um executivo (RE), várias unidades contam com lanchonetes terceirizadas, que oferecem um variado cardápio de lanches e refeições. O RU I localiza-se no Câmpus Colemar Natal e Silva, na Praça Universitária. No Câmpus Samambaia, encontram-se o RU II e o RE, que serve comida a quilo. Os RUs servem pratos feitos a baixo custo.

Também no Câmpus Samambaia, outro local de grande circulação é o Centro de Convivência, que oferece uma espaçosa lanchonete e restaurante, agências bancárias, e logo inaugurará uma agência dos Correios.

Programa de apoio estudantil

A Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom) é o órgão que promove a união entre a administração da universidade e os estudantes. A Pró-Reitoria tem por objetivo dar assistência ao estudante proporcionando-lhe oportunidades de crescimento acadêmico, por meio de projetos e programas de apoio estudantis. A Procom disponibiliza serviços como:

- Creche – Educação infantil para filhos de estudantes e servidores (docentes e técnicos-administrativos) com idade entre zero a quatro anos.
- Serviço Médico e Odontológico – Atende estudantes, servidores e seus dependentes, com serviços de baixo custo, nas especialidades: clínica-geral, radiologia, periodontia, endodontia, prótese e ortodontia preventiva. Além disso, ajuda na assistência e prevenção na área da saúde mental e dependência química.
- Programa de Incentivo e Participação em Eventos Científicos e Culturais – Concessão de passagens terrestres para estudantes de graduação participarem de atividades científicas, culturais e políticas no Brasil. Outros benefícios concedidos pela Procom são isenções de taxas e bolsas de custeio a alunos carentes de recursos sócioeconômicos.
- Isenção de taxa de matrícula – O estudante deve requerer a isenção no Serviço Social da Pró-Reitoria, onde será feita análise da documentação e dos dados fornecidos pelo aluno.
- Bolsas alimentação, de estágio ou de permanência – Essas bolsas têm por objetivo custear e garantir a permanência do estudante nos cursos ajudando na sua manutenção na universidade.
- Moradia estudantil – As quatro Casas de Estudante Universitário (CEU), localizadas em Goiânia, totalizam 220 vagas a alunos dos cursos de graduação. A UFG é responsável por duas casas estudantis, as outras são vinculadas à União Estadual do Estudante (UEE) e à Universidade Católica de Goiás (UCG) e abrigam estudantes de ambos os sexos.

Bolsas para alunos de graduação

O aluno de graduação pode tentar obter algumas das bolsas que ojetivam o seu crescimento acadêmico. As bolsas estão vinculadas a órgãos distintos da UFG e são direcionadas para fins diferentes. São disponibilizadas bolsas de monitoria, de iniciação científica, de licenciatura, de permanência, de extensão e de estágio. Coordenam essas bolsas os seguintes órgãos: Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) e as Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação, Graduação, Extensão e Cultura, de Assuntos da Comunidade Universitária e Administração e Finanças. Informe-se sobre os critérios para obtenção das bolsas.

Júlia Mariano

Estudantes africanas atualmente na UFG

Com o objetivo de desenvolver a política de relações internacionais da UFG com outros países, em especial os de língua Portuguesa, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) promove programas de intercâmbio em diversas áreas do conhecimento. Por meio de parcerias com países como Argentina, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Estados unidos, França, Cuba, Canadá, entre outros, a CAI administra e realiza a seleção de bolsas de intercâmbio científico, tecnológico, artístico-cultural e acadêmico. Para informações sobre os pré-requisitos das bolsas e intercâmbios disponíveis visite o site da CAI www.cai.ufg.br **(Mariana Clímaco)**

Lavras e Louvores

EXPOSIÇÃO DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG PROPÕE NOVA FORMA DE PENSAR O SERTÃO

A exposição de longa duração do Museu Antropológico (MA) da UFG promete um novo olhar sobre a região Centro-Oeste. "Trata-se de uma nova forma de exposição museográfica e também uma nova interpretação da região Centro-Oeste". A afirmação é da professora Nei Clara de Lima, diretora do MA a respeito da exposição "Lavras e Louvores", que marcou a reabertura do museu ao público desde o final do ano passado.

O setor de Intercâmbio Cultural do MA está elaborando programas de cunho cultural-educativo, com o objetivo de divulgar a exposição, especialmente para o meio estudantil. "Queremos que a exposição cumpra o papel de possibilitar a reflexão sobre as identidades regionais, que seja útil às pessoas por meio de uma nova consciência crítica", ressalta a professora.

Concepção e prática – O projeto da exposição teve início em 2002, na gestão da professora Dilamar Cândida Martins à frente do MA. Sua concepção foi pensada pelas curadoras antropólogas Nei Clara de Lima, que em 2006 tornou-se diretora do MA, e Custódia Selma Sena. A exposição foi financiada pela Fundação Vitae (9ª. Edição do Concurso Nacional do Programa Apoio a Museus), pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo fundo local do Museu.

Desde então, o MA passa por reformas para adequar seu espaço físico ao uso de novas tecnologias de recursos expográficos, como vitrines, instalações, iluminação, além do trabalho técnico de documentação, conservação e restauração do acervo. Todo o trabalho mobilizou uma equipe de 20 pessoas, dentre elas a arquiteta Valquíria Guimarães Duarte, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), e a museóloga Roseli de Fátima Brito Netto Barrreto.

"Como contrapartida do financiamento da Fundação Vitae, foi realizada a reforma do espaço físico do museu, a fim de construir os circuitos da exposição. Esse processo foi bastante demorado, devido principalmente ao fato de em Goiás não haver um serviço especializado em montagem de exposições", contou a professora Nei Clara. O trabalho de restauração e conservação das peças, que na verdade é permanente, conta com a orientação de Mônica Lima de Carvalho.

O projeto expográfico foi pensado cuidadosamente: "Tudo foi planejado com o objetivo de levar ao público determinadas reflexões. Numa exposição científica é preciso explicitar a concepção, senão o resultado reproduz o senso comum", completou a curadora Selma Sena.

Para representar essa nova concepção foram escolhidos temas relacionados ao trabalho e à religiosidade, as lavras e os louvores, porque são temas bons para pensar a região Centro-Oeste. Assim, a exposição é composta por objetos, cenas e cenários, divididos em dois módulos: Paisagem Telúrica (A flor da terra, De Pedras, Plantas e Bichos e Linhagens) e Topografias Sobrenaturais (Objetos de Culto e as Entradas do Sagrado).

Com a intenção de provocar questionamentos, foram colocadas lado a lado, objetos provenientes de pesquisa etnográfica e arqueológica e objetos adquiridos no comércio popular de Goiânia. "O que se quer com isso é problematizar a questão do patrimônio. Por que alguns objetos são sacralizados e outros não?", indaga a professora Nei Clara.

Júlia Mariano

Carlos Siqueira

Visão crítica – O próprio regimento do Museu diz que ele existe para compreender o modo de vida do homem do Centro-Oeste, mas isto é uma fórmula genérica. O que se traz com a exposição é uma crítica ao reconto evolutivo da região, que começa com o índio, passa pelo bandeirante, pela mineração, pela marcha para o oeste e termina com a modernidade triunfal. Pretende-se romper com essa versão evolucionista ensinada e aprendida nas escolas e que é hoje senso comum. A nossa forma de interpretar o sertão não usa a temporalidade como fio explicativo e sim a noção de cultura, buscando compreender como a cultura constrói sentidos e como esses sentidos organizam o fluxo da vida social. Ou seja, toda região é socialmente construída", sintetiza Sena.

A exposição mostra o sertão como uma figura da atualidade, como uma configuração central da cultura brasileira, e não como uma etapa do passado, pois segundo Sena, "nessa região a ideologia regional optou até por lembrar o índio e o sertanejo como coisa do passado, apesar de eles viverem aqui e agora. O sertão não é algo que ficou no passado, como uma memória que se quer esquecer. Não se conquista o sertão, através do esquecimento. A gente só conquista o sertão, entrando por dentro dele afora", enfatiza Sena.

De acordo com as curadoras, buscou-se trabalhar com a intertextualidade de objetos, imagens e textos, para compor uma versão da regionalidade. Por isso, "optou-se por ter numa vitrine o livro *Tropas e Boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos, querendo expressar com isso como a literatura participa ativamente dos processos de construção simbólica da região, esclareceu Nei Clara.

O resultado do trabalho, para elas, é que ele apresenta uma versão singular do processo de construção de nossa região e intenta dialogar com a nação brasileira: "Estamos pensando e falando a nossa região porque temos algo a dizer. Se o sertão é um mito e uma narrativa da nacionalidade, temos que inaugurar uma escuta e uma fala do sertão, pois ao contrário do que se imagina, o sertão não está mudo e nem morto", afirma Selma Sena.

O Museu da UFG fica na Praça Universitária e funciona de 3ª a 6ª feira, das 9h às 17h, com entrada franca. As visitas de escolas ao MA devem ser agendadas. **(Núbia Simão)**

Júlia Mariano

Temas da exposição estão relacionados ao trabalho e à religiosidade, como atividades agrícolas e os festejos religiosos, na região Centro-Oeste